



ACADEMIA MILITAR

A INTERAÇÃO ENTRE FORÇAS ARMADAS E FORÇAS DE SEGURANÇA NAS OPERAÇÕES DE CERCO E BUSCA: IMPLICAÇÕES AO NÍVEL DO TREINO E ORGANIZAÇÃO

Autor: Aspirante de Infantaria Rafael José Batista Massano

**Orientador: Tenente Coronel de Infantaria Nuno Correia Barrento de Lemos
Pires**

Coorientador: Capitão de Infantaria Alexandre José Vieira Capote

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2013



ACADEMIA MILITAR

A INTERAÇÃO ENTRE FORÇAS ARMADAS E FORÇAS DE SEGURANÇA NAS OPERAÇÕES DE CERCO E BUSCA: IMPLICAÇÕES AO NÍVEL DO TREINO E ORGANIZAÇÃO

Autor: Aspirante de Infantaria Rafael José Batista Massano

**Orientador: Tenente Coronel de Infantaria Nuno Correia Barrento de Lemos
Pires**

Coorientador: Capitão de Infantaria Alexandre José Vieira Capote

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2013

*“Quanto mais fortes somos,
menos provável é a Guerra”*

Otto Bismark

“O objetivo da Guerra é a Paz”

Aristóteles

*“A força do direito deve
superar o direito da força”*

Rui Barbosa

Dedicatória

Aos meus pais e irmã que se revelaram
ser a arma fundamental desta guerra de todos os dias.

Para a mulher da minha vida, amiga e
companheira de todas as horas, que me ensinou a amar e a lutar.

A todos os camaradas que me ensinaram que para
se ser irmão não é preciso partilhar o mesmo sangue.

À Academia, casa dos últimos cinco anos
e escola da vida e para a vida.

AD UNUM!

Agradecimentos

Começo por agradecer ao Orientador desta investigação, Tenente Coronel Lemos Pires, pelo empenho e toda a disponibilidade demonstrada durante a realização deste trabalho, motivando-me e apoiando-me em todos os momentos, como um verdadeiro camarada.

Agradeço também ao Coorientador deste trabalho, Capitão Capote, que mostrou um extremo profissionalismo, vontade, entreatura e capacidade crítica nas orientações dadas. Sem ele, o produto desta investigação não seria tão rico.

Aos elementos que partilharam as suas experiências profissionais comigo, um grande obrigado, pois sem o testemunho dos mesmos não era possível o estudo prático do tema. Foram fundamentais quer no trabalho de campo, enformando as entrevistas recolhidas, quer na recolha de informação, que tornou possível aprofundar o tema.

Agradecer aos entrevistados, nomeadamente ao Exmo Major General Calçada, ao Coronel Banazol, Coronel Mendes Ferrão, Coronel Guerreiro da Silva, Tenente Coronel Serra Pedro, Coronel Rodrigues, Tenente Coronel Teixeira, Tenente Coronel Abreu, Tenente Coronel Marques e Tenente Coronel Sá.

Um agradecimento especial ao Tenente Coronel Gonçalves pela oportunidade de ter integrado um dos exercícios de aprontamento do Batalhão sob o seu comando, e também à Escola Prática de Infantaria, por permitir a realização do Estágio em Contexto Operacional, no Regimento de Infantaria 14.

Um grande bem-haja à minha namorada pela grande cumplicidade, disponibilidade e amor dedicado. Aos meus pais e irmã, pelo apoio, educação e esforços constantes.

Agradecer também aos que de uma forma ou de outra contribuíram para a elaboração do relatório, para todos os que me deram força e ânimo para continuar.

Um muito obrigado a todos!

Resumo

O presente Trabalho de Investigação Aplicada tem como tema “A interação entre Forças Armadas e Forças de Segurança nas Operações de Cerco e Busca: Implicações ao nível do Treino e Organização”. As operações entre Forças de Segurança e Forças Armadas ganham cada vez mais destaque na atualidade, apesar de se tratar de um tema pouco abordado. O objeto de estudo centra-se nas Operações de Cerco e Busca.

Esta investigação tem por objetivo contextualizar as interações entre as Forças Armadas e de Segurança, neste tipo de operações, definindo como se organizam e quais as suas principais necessidades de treino.

Optou-se por uma metodologia baseada numa questão central. Após a formulação da questão central foram formuladas as questões derivadas e, possíveis respostas a essas, as hipóteses. Assim, o trabalho fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas. Recorreu-se igualmente ao método experimental, onde houve a possibilidade de participar num exercício de aprontamento para o Teatro de Operações do Kosovo.

Na realização das entrevistas, foi tida em conta uma amostra constituída por onze militares que foram ou serão, num futuro próximo, Comandantes de Batalhão no Teatro de Operações do Kosovo.

Com a elaboração deste trabalho, conclui-se que a organização das forças intervenientes nas Operações de Cerco e Busca, independentemente do tipo e do escalão, é semelhante. Quanto ao treino verifica-se uma necessidade elevada de treino principalmente pelas coordenações que esta tarefa exige. Desta forma, podemos também referir que a interação feita entre Forças Armadas e Forças de Segurança, no Teatro de Operações do Kosovo é desempenhada de forma gradual. Começando a ser feitas primeiramente de forma isolada, mais tarde com as Forças de Segurança multinacionais. Por fim, as Forças Militares atuam com as Autoridades Locais, para que progressivamente estas operem de forma autónoma.

Palavras-chave: Cerco; Busca; Coordenações; Forças Armadas; Forças de Segurança

Abstract

The present Applied Investigation Thesis is about “The interaction between Armed Forces and Security Forces on Cordon and Search Operations: Implications on Training and Organization”. The operations between Armed and Security Forces, nowadays, are gaining increasing prominence, although it is a subject rarely addressed. The study object centers itself on Cordon and Search Operations.

This research aims to contextualize interactions between Armed and Security Forces in this type of operations, defining how they organize themselves and what their main training needs are.

The methodology is based on a central question. After formulating that central question, derived questions were formulated, and then possible answers were given to these questions, the hypothesis. Therefore, this work is based on bibliographic research, document analysis and interviews. The experimental method was also used, where there was the possibility of participating in a preparation exercise for Kosovo’s Operational Theater.

When carrying out the interviews, it has been taken into account a sample consisting of eleven military personnel who have been or will be, in the near future, Battalion Commanders in the Operational Theater of Kosovo.

With the formulation of this work, it is concluded that forces organization involved in Cordon and Search Operations, regardless type and echelon, is similar. As for the training, there is a high need for it mainly because of the coordination this task requires. In this way, we can also mention that the interaction between Armed and Security Forces, in Kosovo’s Operational Theater is carried out gradually. Starting primarily in an isolated way, later it is made with international security forces. Finally, the Armed forces act with Local Authorities, so these can progressively operate autonomously.

Key words: Cordon; Search; Coordination; Armed Forces; Forces Security

Índice Geral

Dedicatória	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract	v
Índice Geral	viii
Índice de Gráficos e Figuras.....	xii
Índice de Tabelas.....	xiii
Lista de Apêndices e Anexos	xiv
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	xv
Capítulo 1- Introdução	1
1.1- Enquadramento/Contextualização da Investigação	1
1.2 - Justificação do Trabalho de Investigação	2
1.3 - Finalidade do Trabalho de Investigação	3
1.4 - Delimitação do Trabalho de Investigação.....	4
1.5 - Questão Central e Questões Derivadas	4
1.6 - Hipóteses	4
1.7 - Objeto e Objetivos de Investigação	5
1.8 - Metodologia	5
1.9 - Limitações da Investigação	6
1.10 - Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos	6
Capítulo 2 - Revisão de Literatura	7
2.1 – Introdução.....	7

2.2 – Caracterização dos Conflitos da Atualidade	7
2.2.1 – Adaptações ao Atual Ambiente Operacional	8
2.2.2 – Espetro das Operações e Temas de Campanha	9
2.1.3 – Tarefas de missão táticas/Atividades Operacionais	12
2.3 – Operações de Cerco e Busca	13
2.3.1 – Organização.....	14
2.3.1.1 – Comando	15
2.3.1.2 - Elemento de Segurança/Cerco	16
2.3.1.3 – Elementos de Busca/Assalto	17
2.3.1.4 – Elemento de Reserva/Apoio.....	17
2.3.2 – Classificação das Operações de Cerco e Busca	18
2.3.3 – Considerações de planeamento	19
2.4 – Caracterização da área de operações do Kosovo	20
2.4.1 – Caracterização Geral	20
2.4.2 – Aspetos Histórico – Políticos	21
2.4.3 – Autoridades presentes no Kosovo	22
2.4.4 – Operação Militar em Curso	23
2.5 – Síntese Conclusiva	25
Capítulo 3 - Metodologia e Procedimentos	26
3.1 – Introdução.....	26
3.2 – Método de abordagem.....	26
3.3 – Técnicas, Procedimentos e Meios Utilizados.....	27
3.4 – Local e Data da pesquisa e recolha de dados	29
3.4.1 – Entrevistas Não Estruturadas	29
3.4.2 – Entrevistas Semiestruturadas.....	30
3.5 – Descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados	32

3.6 – Descrição dos materiais e instrumentos utilizados.....	33
Capítulo 4 - Apresentação, Análise e Discussão de Resultados	34
4.1 – Introdução.....	34
4.2 – Apresentação, Análise e Discussão dos resultados das Entrevistas	34
4.2.1 – Apresentação e Análise da Questão nº1	35
4.2.1.1 – Discussão da Questão nº 1	37
4.2.2 – Apresentação e Análise da Questão nº 2	38
4.2.2.1 – Discussão da Questão nº 2	38
4.2.3 – Apresentação e Análise da Questão nº 3	39
4.2.3.1 – Discussão da Questão nº 3	39
4.2.4 – Apresentação e Análise da Questão nº 4	40
4.2.4.1 – Discussão da Questão nº 4	40
4.2.5 – Apresentação e Análise da Questão nº 5	41
4.2.5.1 – Discussão da Questão nº 5	42
4.2.6 – Apresentação e Análise da Questão nº 6	42
4.2.6.1 – Discussão da Questão nº 6	43
4.2.7 – Apresentação e Análise da Questão nº 7	43
4.2.7.1 – Discussão da Questão nº 7	44
4.2.8 – Apresentação e Análise da Questão nº 8	45
4.2.8.1 – Discussão da Questão nº 8	46
Capítulo 5 - Conclusões e Recomendações.....	47
5.1 – Introdução.....	47
5.2 – Verificação das Hipóteses de Investigação	47
5.3 – Resposta às Questões Derivadas	48
5.4 – Resposta à Questão Central	50
5.5 – Limitações à Investigação	50

5.6 – Propostas e Recomendações.....	50
5.7 – Investigações Futuras	51
Referências Bibliográficas	52
Apêndices	1
Apêndice A – Operação de Cerco e Busca no Exercício SLIM LINES	1
Apêndice B – Guião de Entrevista	2
Apêndice C – Resumo da Entrevista 1	5
Apêndice D – Resumo da Entrevista 2.....	6
Apêndice E – Resumo da Entrevista 3	7
Apêndice F – Resumo da Entrevista 4	9
Apêndice G – Resumo da Entrevista 5.....	11
Apêndice H – Resumo da Entrevista 6.....	12
Apêndice I – Resumo da Entrevista 7	14
Apêndice J – Resumo da Entrevista 8.....	15
Apêndice K – Resumo da Entrevista 9.....	17
Apêndice L – Resumo da Entrevista 10	18
Apêndice M – Resumo da Entrevista 11	19
Anexos	1
Anexo A – ROE da KFOR no TO do Kosovo	1
Anexo B – Material a transportar numa Operação de Cerco e Busca.....	4
Anexo C – Análise do Ambiente Operacional	5

Índice de Gráficos e Figuras

Gráficos

Gráfico 1 – Interação com outras forças	35
Gráfico 2 – Interação com Forças de Segurança.....	35
Gráfico 3 – Interações com as Forças de Segurança no decorrer da missão.....	36
Gráfico 4 – Equipas especializadas dentro da equipa de Busca.....	40
Gráfico 5 – Implicações legais a ter em conta na condução de Operações de Cerco e Busca.....	41
Gráfico 6 – Treino com Forças de Segurança	43
Gráfico 7 – Tarefas com necessidade de maior incidência de treino nas Operações de Cerco e Busca.....	45

Figuras

Figura 1 - O Espetro total e temas de campanha.....	11
Figura 2 – Síntese Conclusiva.....	25
Figura 3 – Localização geográfica do Kosovo.....	Anexo B 5
Figura 4 – Regiões do Kosovo	Anexo B 5
Figura 5 – Grupos étnicos do Kosovo.....	Anexo B 9
Figura 6 – Cartão de um Militar da KFOR com as principais ROE	Anexo C 1
Figura 7 – Cartão de um Militar da KFOR com as principais ROE	Anexo C 2
Figura 8 – Cartão de um Militar da KFOR com as principais ROE	Anexo C 3

Índice de Tabelas

Tabelas

Tabela 1 – Lista de Entrevista Exploratórias	29
Tabela 2 – Lista de Entrevistados, da função atual e do cargo de interesse para o estudo	30
Tabela 3 – Lista de Entrevistados, data e local das entrevistas.....	31

Quadros

Quadro 1 – Padrão de atuação das Forças Armadas na condução de cerco e busca	38
Quadro 2 – Organização da força.....	39
Quadro 3 – Treino desenvolvido no aprontamento e no teatro na tarefa de cerco e busca	42

Lista de Apêndices e Anexos

Apêndices:

Apêndice A – Operação de Cerco e Busca no Exercício SLIM LINES

Apêndice B - Guião de Entrevista

Apêndice C – Resumo da Entrevista 1

Apêndice D – Resumo da Entrevista 2

Apêndice E – Resumo da Entrevista 3

Apêndice F – Resumo da Entrevista 4

Apêndice G – Resumo da Entrevista 5

Apêndice H – Resumo da Entrevista 6

Apêndice I – Resumo da Entrevista 7

Apêndice J – Resumo da Entrevista 8

Apêndice K – Resumo da Entrevista 9

Apêndice L – Resumo da Entrevista 10

Apêndice M – Resumo da Entrevista 11

Anexos:

Anexo A – ROE da KFOR no TO do Kosovo

Anexo B – Material a transportar numa Operação de Cerco e Busca

Anexo C – Análise do Ambiente Operacional

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos¹

AAK	Aliança para o Futuro do Kosovo
AJP	<i>Allied Joint Doctrine</i> (Doutrina Aliada Conjunta)
AKR	Nova Aliança do Kosovo
AM	Academia Militar
BI	Batalhão de Infantaria
BIMec	Batalhão de Infantaria Mecanizado
BIPára	Batalhão de Infantaria Páraquedista
BrigInt	Brigada de Intervenção
BrigMec	Brigada Mecanizada
Cat	Companhia de Atiradores
CEME	Chefe do Estado Maior do Exército
CP	<i>Conflict Prevention</i> (Prevenção de Conflitos)
CRC	<i>Crowd Riot Control</i> (Controlo de Túmulos)
ECO	Estágio em Contexto Operacional
ELK	Exército de Libertação do Kosovo
EME	Estado Maior do Exército
EPI	Escola Prática de Infantaria
EUA	Estados Unidos da América
EULEX	<i>European Union Rule of Law In Kosovo</i>
FA	Forças Armadas
FND	Força Nacional Destacada
GAM	Grupo de Auto Metralhadoras
GNR	Guarda Nacional Republicana
HO	<i>Humanitarian Operations</i> (Operações Humanitárias)
HUMINT	<i>Human Intelligence</i> (Informações de Pessoal)
IMINT	<i>Imagery Intelligence</i> (Informações Informáticas)
KFOR	<i>Kosovo Force</i> (Força do Kosovo)
KOA	Kosovares Albaneses
KOS	Kosovares Sérvios

¹Abreviaturas militares de acordo com PDE 0-18-00 (EME, 2010).

KP	<i>Kosovo Police</i> (Polícia do Kosovo)
KPC	<i>Kosovo Protection Corps</i> (Corpo de Proteção do Kosovo)
KPS	<i>Kosovo Police Service</i> (Serviço de Polícia do Kosovo)
KSF	<i>Kosovo Security Force</i> (Força de Segurança do Kosovo)
KTM	<i>Kosovo Tactical Manoeuvre</i> (Reserva Tática)
LDK	Liga Democrática do Kosovo
MSU	<i>Military Specialized Unit</i> (Unidade Especial Militar)
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i> (Organização do Tratado do Atlântico Norte)
OAP	Operações de Apoio à Paz
ONU	Organização das Nações Unidas
OOTW	<i>Operations Other Than War</i> (Outras Operações de Guerra)
OSCE	<i>Organization for Security and Co-operation in Europe</i> (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa)
PB	<i>Peace Building</i> (Consolidação da Paz)
PDK	Partido Democrático do Kosovo
PE	<i>Peace Enforcement</i> (Imposição da Paz)
PIB	Produto Interno Bruto
PK	<i>Peacekeeping</i> (Manutenção de Paz)
PM	<i>Peacemaking</i> (Restabelecimento da Paz)
PO	Posto de Observação
RI 14	Regimento de Infantaria 14
ROE	<i>Rules Of Engagement</i> (Regras de Empenhamento)
SIGINT	<i>Signals Intelligence</i> (Informações de Transmissões)
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TO	Teatro de Operações
UAV	<i>Unmanned Air Vehicle</i> (Veículo Aéreo não tripulado)
UE	União Europeia
UNMIK	<i>United Nations Interim Administration Mission in Kosovo</i> (Missão de Administração Interina das Nações Unidas no Kosovo)
USARMY	<i>United States Army</i> (Exército dos Estados Unidos)
W	Movimento Auto-Determinação

Capítulo 1

Introdução

No âmbito do plano curricular ministrado no curso da Academia Militar (AM), com Mestrado integrado em Ciências Militares na vertente de Infantaria, apresenta-se o Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) a que nos propusemos.

O tema do presente trabalho é: “A interação entre Forças Armadas e Forças de Segurança, nas Operações de Cerco e Busca: Implicações ao nível do Treino e Organização”.

Neste primeiro capítulo é apresentado um enquadramento da investigação, justificação do tema do trabalho, bem como a sua finalidade e delimitações. É apresentada também a metodologia seguida para a realização do presente estudo, assim como as limitações da investigação e a estrutura dos capítulos.

Com a organização anteriormente referida pretende-se conseguir uma boa organização dos conhecimentos de forma a tornar compreensível o que se expõe.

1.1. Enquadramento/Contextualização da Investigação

Os atuais conflitos caracterizam-se pelo seu carácter prolongado e complexo. Tais características exigem às forças uma capacidade de adaptação e preparação constantes, de forma a estarem aptas para todo o tipo de operações, (Exército, 2012). Para atingir essa capacidade de adaptação é essencial possuir uma organização flexível e treinar tarefas ao longo de todo o espectro das operações, (Benson e Weber, 2012).

As intervenções militares nos dias que correm não pretendem a capitulação de uma força opositora, mas sim atingir um estado final de um ambiente seguro e estável, (Exército, 2012). Assim, as operações de estabilização e de apoio civil, são elevadas ao mesmo patamar das operações ofensivas e defensivas, (NATO, 2009a).

Dentro do espectro de operações encontram-se os temas de campanha e os tipos de operação distinguindo-se as primeiras pelo seu carácter genérico. Cada uma destas topologias de operações tem a si aliado um conjunto de tarefas primárias, que se ramifica em inúmeras atividades operacionais, (Exército, 2012).

Neste vasto leque de tarefas operacionais encontra-se uma que é empregue frequentemente nas operações de estabilização, especificamente nas operações de apoio à paz, em especial no Teatro de Operações (TO) do Kosovo, pelas forças portuguesas (denominada cerco e busca), (Hughes e Ziek, 1995).

As Operações de Cerco e Busca têm sido bastante desenvolvidas, devido ao facto de as forças hostis ou insurgentes terem também evoluído as suas técnicas, tornando-se mais sofisticadas relativamente à capacidade de esconder e encobrir pessoas, armas e equipamentos. Esta evolução das Operações de Cerco e Busca tem-se revelado mais eficaz, com o intuito de pressionar de forma constante as forças hostis. Perante isto fica o opositor obrigado a movimentar o armamento, as munições, os explosivos e outros artefactos, aumentando a possibilidade da sua deteção, (USArmy, 2006).

1.2. Justificação do Trabalho de Investigação

Conjugando a importância deste tipo de operações às operações de estabilização que o Exército Português executa, nasce o interesse de estudar este tema. Com a evolução da construção da paz nos territórios, tendo como limites a paz e a guerra, este tipo de operações tende a incluir forças locais, ou a conjugar forças de vários países, para as integrar e as preparar para executar todas as operações de forma a preservar a paz, (Steed, 2003).

Assim, verifica-se a interação e a conjugação de várias forças diferenciadas, tornando-se relevante perceber essa mesma conjugação. Até porque como futuros Oficiais subalternos poderemos mesmo ter de interagir com Forças Armadas ou Forças de Segurança do nosso ou de outros países.

1.3. Finalidade do Trabalho de Investigação

A elaboração deste trabalho permitirá a compreensão do atual ambiente operacional, bem como de uma tarefa específica, de uso muito comum que são as Operações de Cerco e Busca. Para além de se apresentar a doutrina existente sobre este tipo de operações, identificando o padrão de atuação de uma força, pretende-se compreender as variações que podem surgir. Estas variações podem ser de quem executa a operação, se apenas elementos das Forças Armadas, se conjuntamente com Forças de Segurança. Como se organizam e que necessidades de treino possuem estas forças ao atuar isoladamente ou em conjunto com outras forças, são outras das finalidades desta investigação, (Exército, 2011a).

Todas as operações têm o seu grau de importância quer sejam operações decisivas ou de moldagem², mas todas pretendem um fim, o sucesso. Mas há operações que necessitam de um detalhe tal, ao nível do planeamento, e de uma flexibilidade, que têm que ter especial atenção, (Barham, 1994).

Uma consideração a ter em conta para o planeamento de uma Operação de Cerco e Busca são as operações combinadas.³ Assistimos cada vez mais a um incremento de atuação entre Forças Armadas e de Segurança, mas não temos grandes referências de como esta interação é feita. Por isso a abordagem deste estudo torna-se deveras interessante, pois não basta pôr o Exército e as Forças de Segurança a atuar de forma combinada, formando uma só força. É necessário saber como organizar a força para que cada elemento assuma o papel que lhe é atribuído, e para que isso aconteça temos que saber como treinar, para atuar juntos, (Baillergeon e Sutherland, 2008).

² Operações decisivas: As operações decisivas cumprem, diretamente, tarefas atribuídas pelo escalão superior e influenciam decisivamente o resultado das operações de grande envergadura, batalhas e empenhamentos. Operações de moldagem: As operações de moldagem, independentemente do escalão, criam e mantêm as condições necessárias ao sucesso da operação decisiva. Operações de sustentação: As operações de sustentação têm por finalidade gerar e manter potencial de combate, (USArmy, 2008).

³ As operações combinadas são operações conduzidas por forças de duas ou mais nações, normalmente integradas numa aliança ou coligação. As operações conjuntas são definidas como operações nas quais podem estar envolvidos elementos de mais do que um ramo, podendo envolver forças aéreas, navais, anfíbias, terrestres ou de operações especiais, (Exército, 2012).

1.4. Delimitação do Trabalho de Investigação

Tanto a doutrina como as publicações acerca das Operações de Cerco e Busca são variadas. Torna-se difícil a realização de um trabalho que envolva toda esta área. Por isso, há a necessidade de limitar este estudo, a nível espacial, tendo por base o TO do Kosovo. Também a nível temporal apenas demos relevância ao período entre 1999 e 2012, onde foram executados este tipo de operações pelo Exército Português. Surge ainda a necessidade de definir o escalão das unidades a estudar, que neste caso são unidades de escalão Companhia e Batalhão.

1.5. Questão Central e Questões Derivadas

Todo este trabalho de investigação está elaborado para dar resposta à seguinte pergunta de partida: “Face ao atual Ambiente Operacional que implicações ao nível da Organização e Treino enfrentam as Forças Armadas, ao atuar com Forças de Segurança, na condução de Operações de Cerco e Busca?”

Para permitir responder a esta questão central ou de partida foram identificadas as seguintes perguntas derivadas:

1. Em que contexto atuam, as Forças Armadas e as Forças de Segurança, isoladamente ou em conjunto, numa Operação de Cerco e Busca?
2. Como se organizam as Forças Armadas e/ou as Forças de Segurança numa Operação de Cerco e Busca?
3. Quais as necessidades de treino das Forças Armadas e/ou das Forças de Segurança para a realização de uma Operação de Cerco e Busca?

1.6. Hipóteses

Para estas perguntas derivadas foram levantadas várias hipóteses, sendo elas:

H1: Inicialmente num TO, no âmbito das OAP (Operações de Apoio à Paz), caso que se verifica no Kosovo, atuam as Forças Armadas, vindo depois a integrar aos poucos as Forças de Segurança multinacionais. Posteriormente as forças locais

são também integradas nas operações, com o intuito de dar autonomia ao país em causa.

H2: A organização é feita em força de cerco interior, cerco exterior, equipa de busca, reserva e escalão de comando, sendo as Forças de Segurança mais talhadas para integrar as equipas de busca.

H3: Verifica-se uma necessidade de treino elevado, de forças combinadas pois tem de existir muita interação entre as diferentes forças.

1.7. Objeto e Objetivos de Investigação

O objeto de estudo deste trabalho de investigação são as Operações de Cerco e Busca. Daqui advém que o objetivo geral da investigação seja caracterizar a interação entre as Forças Armadas e as Forças de Segurança, nas Operações de Cerco e Busca. Para ajudar a responder à questão de partida, esta investigação tem como objetivos específicos, identificar o contexto de atuação das Forças Armadas e de Segurança, explicar como se organiza a força que executa este tipo de operações, e ainda, indicar quais as necessidades de treino para que a força tenha capacidade de realizar uma Operação de Cerco e Busca.

1.8. Metodologia

Este TIA contém duas partes essenciais: a primeira parte baseia-se na teoria, com a revisão de literatura, onde é feita uma análise da bibliografia, de artigos e com a realização de entrevistas exploratórias, acerca do tema a tratar. Na segunda parte, mais prática, estão contempladas as entrevistas, com o intuito de recolher informações importantes, que nos possam apoiar na resposta às questões identificadas.

Como foi referido, as técnicas e instrumentos utilizados foram a entrevista e análise documental. A amostra escolhida para a realização das entrevistas é um conjunto de Oficiais do Exército, que executaram ou treinaram Operações de Cerco e Busca, no TO do Kosovo, na qualidade de Comandante de Unidade Escalão Batalhão, (Sarmiento, 2008).

Também acresce a esta análise documental e às entrevistas o método demonstrativo, onde podemos confirmar alguns conceitos a nível prático. Esta observação, ocorreu então no Exercício *SLIM LINES*, realizado pelo 2º BI (Batalhão de Infantaria) da BrigInt

(Brigada de Intervenção) aquando do seu aprontamento para a missão no TO do Kosovo, (Idem, 2008).

1.9. Limitações da Investigação

A dificuldade de contactar alguns Oficiais que poderiam dar o seu contributo valioso neste trabalho acabou por se verificar, pois alguns deles não se encontravam disponíveis, devido a cargos que ocupavam fora do país.

1.10. Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos

O presente trabalho de investigação encontra-se dividido em duas partes fundamentais: a parte teórica e a parte prática. Optou-se pela divisão deste trabalho em cinco capítulos. O primeiro capítulo refere-se à Introdução já descrita, o seguinte dedica-se à Revisão de Literatura com a caracterização do ambiente operacional, completado pela doutrina e artigos a que se referem ao cerco e busca e ainda uma caracterização do TO do Kosovo. O terceiro capítulo, já na parte prática do trabalho, vai apresentar a Metodologia e Procedimentos utilizados, seguido de um capítulo referente à Apresentação, à Análise e Discussão de resultados. Por último vamos apresentar as Conclusões desta investigação.

Na primeira parte, anteriormente referenciada é elaborado o denominado “estado da arte”, onde se pretende fazer um enquadramento do tema a abordar para permitir uma melhor perceção dos conceitos a analisar posteriormente. Na parte prática pretende-se uma breve revisão das especificidades do tema a abordar, seguida de uma análise e discussão dos resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas.

Na última fase, correspondente ao último capítulo são descritas as conclusões a que se pode chegar com a investigação realizada, onde se pretende responder às questões derivadas, e à questão central deste trabalho, podendo proceder à verificação das hipóteses levantadas.

Capítulo 2

Revisão de Literatura

2.1 – Introdução

Neste capítulo pretende-se fazer um resumo da bibliografia de referência no âmbito do tema a investigar.

Num primeiro subcapítulo caracterizam-se os atuais conflitos, abordando-se o atual ambiente operacional, passando pelo espectro das operações, pelos temas de campanha e pelos tipos de operações e tarefas associadas. Num segundo subcapítulo explica-se, com base em documentos, e doutrina de referência, em que consiste uma operação de Cerco e Busca, como se organiza e quais as considerações a ter no seu planeamento. Por fim, no terceiro subcapítulo, caracteriza-se a área de operações a que nos propomos estudar, apontando as suas características gerais, os seus aspetos histórico políticos levantados pelo conflito, a descrição das forças que estão a atuar no teatro e ainda a operação em curso no TO do Kosovo.

2.2 – Caracterização dos Conflitos da Atualidade

Os conflitos e os confrontos são factos da vida. Quando falamos em guerra temos a consciência que esta é uma realidade tanto do passado, como do presente, e muito certamente do futuro. No entanto, não é possível determinar com exatidão qual o seu carácter. Certo é, que a guerra é um fator permanente da condição humana, (Paret e Howard, 1976).

Nos anos 90, com o colapso da União Soviética, tudo leva a crer que a guerra entre Estados terá terminado. Esta ideia é reforçada com a combinação da globalização, com a melhoria das condições de vida e com a difusão das democracias, (Idem, 1976).

Alguns autores preveem que os conflitos de baixa intensidade serão os conflitos mais prováveis, pois desde o final da segunda grande guerra, em 1945, até 1998, os conflitos de alta intensidade representam apenas 12% dos ocorridos, (Reid, 1998).⁴

Na opinião de outros autores, as grandes potências não terão uma ameaça à altura devido às suas desenvolvidas capacidades tecnológicas, ao seu bom sistema de informações⁵ e de comunicações via satélite, o que leva a que as mesmas sejam consideradas forças de 1º Nível⁶, tendo por referência a sua capacidade tecnológica, (Steed, 2003). Outro fator importante para o futuro é a velocidade com que os acontecimentos se passam, emergindo formas de resposta que mudam as próprias forças envolvidas, que passam a ser conjuntas e combinadas, (Telo e Lemos Pires, 2013).

Outros defendem que existe a possibilidade de utilização de armas nucleares de forma limitada por parte das grandes potências e que por essa razão existe a possibilidade de haver guerras entre Estados, (Gray, 2005).

Não ignorando nenhuma destas perspectivas devemos estar alerta para os conflitos inesperados que se podem apresentar no futuro. Um dos desafios para as forças, atualmente, é estarem atualizadas quanto às potenciais ameaças e de como as mesmas atuam, (Barroso, 2009).

2.2.1 – Adaptações ao Atual Ambiente Operacional

Para operar com sucesso neste novo ambiente que envolve as operações Militares, devemos ter:

“ (...) o total conhecimento do atual ambiente operacional em que decorrem as campanhas militares, que se constitui como um elemento fundamental para o

⁴ Esta perspectiva é corroborada por outros especialistas, que dizem que passa a haver lugar apenas a conflitos de baixa intensidade onde a diplomacia e a cooperação são a base da relação entre Estados, (Dorff, 1996).

⁵ As informações são classificadas em *Human Intelligence* (HUMINT), *Imagery Intelligence* (IMINT) e *Signals Intelligence* (SIGINT), (Exército, 2011b).

⁶ Forças de 1º nível são forças militares que integram completamente as tecnologias de informação até ao mais baixo escalão; Forças de 2º nível são forças militares com elevado grau de integração das tecnologias de informação. Como 3º nível temos as forças militares da era industrial, cujos países não possuem meios económicos e financeiros ou porque achem não ser necessário para os seus interesses. As forças de 4º nível englobam as forças das organizações terroristas, típicas dos países pobres que sofrem ou sofreram recentemente lutas internas, (Steed, 2003).

emprego dos meios disponíveis. A sua análise e estudo devem constituir uma preocupação permanente dos líderes políticos e militares, sob pena de se reduzirem drasticamente as possibilidades de êxito, independentemente das capacidades e do potencial das forças empenhadas.” (Exército, 2012 p.17)

Perante o acima descrito é necessário atualizar todo o processo de doutrina, organização e treino da força com vista a que os meios utilizados sejam empregues da melhor forma possível, (Benson e Weber, 2012).

A doutrina é apenas um conjunto de normas ou princípios que pretendem balizar as formas de atuar por parte das forças, para dar cumprimento à missão operacional do Exército. Apesar da importância destas referências de conduta, é necessária capacidade de análise e de adaptação na sua aplicação, (USArmy, 2008a). Esta doutrina tem sido objeto de alterações de forma a adaptar-se aos conflitos da atualidade, que se destacam por serem persistentes, ou prolongados no tempo, (Sutherland, Baillergeon e Mckane, 2010).

Exige-se por isso uma metodologia mais flexível, para se adaptar às mudanças do ambiente operacional, em que os conflitos apenas se resolvem com a conjugação dos instrumentos de poder de um ou vários Estados (tais como os meios diplomáticos, informacionais, militares e económicos), (Exército, 2012).

2.2.2 – Espetro das Operações e Temas de Campanha

Nos dias que correm sem a conjugação dos meios acima referidos, as Forças Militares por si só, não têm capacidade de resolver um conflito, porque na “maioria das intervenções Militares contemporâneas o estado final desejado não pretende a capitulação de uma força opositora, mas sim a criação de um ambiente seguro e estável.” (Exército, 2012 p.13)

Por isso os manuais acerca das operações de estabilização e de apoio civil elevam este tipo de operações ao mesmo patamar de importância das operações ofensivas e defensivas. Por esta razão, torna-se vulgar o termo “operações em todo o espectro”, que apoia a ideia do emprego de forças combinadas aos mais baixos escalões⁷, sendo as

⁷ Baixos escalões são os que não possuem o seu Estado Maior, assim sendo, consideram-se os escalões: Companhia e inferiores. (EPI, 2008)

vulgares missões orientadas para a segurança das populações e para a assistência humanitária, (NATO, 2009b).

Esta complexidade do ambiente operacional inclui o conhecimento de inúmeras variáveis, tais como o inimigo, adversário ou ameaça; as forças amigas implementando treinos para estar preparado para todos os cenários; e dos elementos neutros. Constitui uma tarefa obrigatória a obtenção de informações do ambiente físico, da governação, da tecnologia, dos recursos locais e da cultura da população local, (USArmy, 2002).

“As forças militares tendencialmente operarão entre a população, onde se dissimulam adversários e inimigos, difíceis de distinguir, onde o resultado da operação será cada vez mais medido pelos efeitos na população. Assim aumenta exponencialmente a complexidade do ambiente em que se desenrolam as operações e mesmo as próprias operações militares em todos os níveis da guerra.”
(Exército, 2012 p.14)

Assim, fica reforçada a ideia da importância de todo o planeamento, com base no estudo dos diversos componentes referidos. É necessário existir um treino que prepare os militares para atuar ao longo de todo o espectro das operações, de acordo com as normas do Direito Internacional Humanitário e dos Conflitos Armados, com os mandatos e com as Regras de Empenhamento (ROE), (Consultar Anexo A) (USArmy, 2008a).

Verifica-se um ambiente operacional com constantes mudanças, com interação entre várias organizações e Estados, o que conduz ao aumento de operações conjuntas e combinadas. Por isto, é primordial a preparação das forças para as tarefas a realizar nas operações de estabilização e de apoio civil, com forças versáteis e ágeis, de modo a mudar rapidamente a forma de operar de um tipo de conflito para outro, desde a paz estável à guerra generalizada, (NATO, 2011).

Esta paz estável e a guerra generalizada são os extremos deste espectro das operações. Incluem também, níveis intermédios, como a paz instável e a subversão. Esta preparação para executar operações em todo o espectro tem de ser ponderada perante “as capacidades de cada unidade, o emprego de táticas adequadas, (...) e o equilíbrio na divisão de meios atribuídos a cada tipo de operação (...). O Comandante e o Estado-Maior analisam em profundidade as operações futuras e a priorização adequada de cada tipo de operação.” (Exército, 2012 p.57)

O nosso Exército encontra-se atualmente empenhado em alguns TO, onde se verifica uma diversidade de forças e de conflitos, onde pode haver ou não um inimigo

declarado. O Exército Português, no caso de existir um inimigo identificado, “tem a valência de conduzir operações de grande envergadura⁸ para derrotar um adversário e estabelecer as condições necessárias para alcançar o estado final pretendido.” (Exército, 2012 p.36)

Para facilitar a definição destas operações de grande envergadura definiram-se os grandes tipos de operações, em temas de campanha, que permite facilitar a interpretação dos Comandantes envolvidos, da natureza da operação, permitindo que estes compreendam que postura devem adotar face à ameaça. Com base nisto, o Comandante dá as diretivas de planeamento, com a composição e articulação das forças, a atribuição de recursos e atribuição de missões táticas, (USArmy, 2002).

Cada tema de campanha corresponde a um intervalo ou faixa do espectro do conflito. (Ver Figura 1)

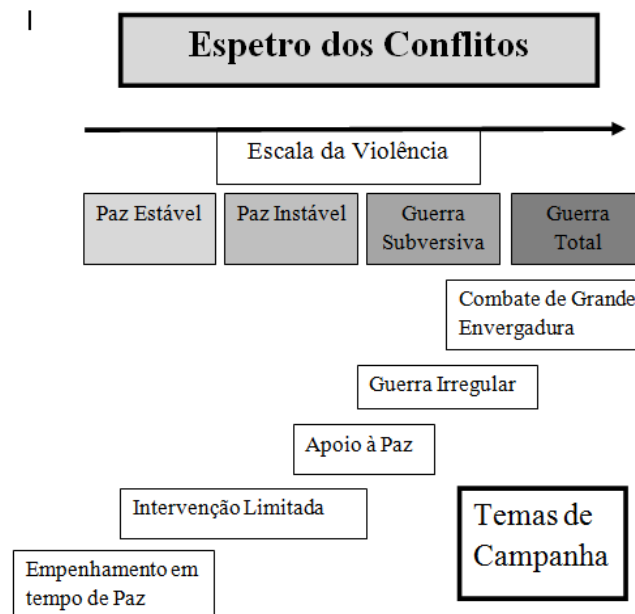


Figura 1 - O Espetro total e temas de campanha

Fonte: Exército, 2012 p.54

⁸ Uma operação de grande envergadura consiste numa série de ações táticas (batalhas e empenhamentos), conduzidas por forças de combate de um ou mais ramos das Forças Armadas, coordenadas no tempo e no espaço, para alcançar os objetivos estratégicos ou operacionais numa determinada área de operações. Conduzidas em simultâneo ou sequencialmente, de acordo com um plano, são controladas apenas por um Comandante.

A execução de operações em todo o espectro exige a combinação de operações ofensivas, defensivas, de estabilização e de apoio civil. Os temas de campanha definidos são, para além das operações de grande envergadura, o empenhamento em tempo de paz, a intervenção limitada, o apoio à paz e a guerra irregular, (Benson e Weber, 2012).

Não podemos confundir os temas de campanha com os tipos de operações⁹, muito menos com as missões táticas ou atividades. Os temas de campanha são genéricos e não devem ser atribuídos como missões, pois são apenas características gerais do tipo de operações de grande envergadura e não detalham a sua execução, (NATO, 2010).

É necessário, face ao emprego operacional do Exército Português dar uma especial relevância ao tema de campanha que se refere ao Apoio à Paz. As OAP são operações multifuncionais, conduzidas de forma imparcial, e que geralmente apoiam uma organização internacionalmente reconhecida. Estas operações envolvem Forças Armadas e entidades diplomáticas e humanitárias, que pretendem um acordo político ou alcançar outras condições necessárias,¹⁰ (Exército, 2011).

2.1.3 – Tarefas de missão táticas/Atividades Operacionais

Assim, de uma forma genérica, o espectro dos conflitos engloba os diversos temas de campanha, onde pode ocorrer qualquer tipo de operação dentro de cada um desses temas. Para cada um destes tipos de operações contribuem uma série de tarefas base, ou tarefas primárias. Cada uma destas tarefas expande-se para uma diversidade de tarefas de missão tática ou atividades operacionais, (NATO, 2010).

Estas missões táticas ou atividades operacionais encontram-se categorizadas em técnicas de consentimento/cooperação e técnicas de controlo,¹¹ (Exército, 2011).

⁹ Os tipos de operações existentes são: as operações ofensivas, defensivas, de estabilização e de apoio civil; retrata ainda as operações de transição. (Exército, 2012)

¹⁰ Estas operações incluem a Consolidação da Paz (*Peace Building*, PB), a Manutenção da Paz (*Peacekeeping*, Pk), a Imposição da Paz (*Peace Enforcement*, PE), a Prevenção de Conflitos (*Conflict Prevention*, CP), o Restabelecimento da Paz (*Peacemaking*, PM) e as Operações Humanitárias (*Humanitarian Operations*, HO) (EPI, 2008)

¹¹ As técnicas de consentimento promovem atitudes e perceções diretamente e são de importância crucial no PK e contribuem a longo prazo para o sucesso em todas as OAP, enquanto o emprego de técnicas de controlo estará geralmente ligado à capacidade da Força e, portanto, só servirão para uma Força de PE, (Exército, 2011).

Um desses procedimentos, situado nas técnicas de controlo, que na atualidade é frequentemente posto em prática nas operações de estabilização e que conforma com os princípios deste tema de campanha, são as operações de busca. Este procedimento operacional, por norma executa-se com um cerco, ficando denominada como Operações de Cerco e Busca, que como já foi referido no capítulo introdutório é o objeto de estudo da presente investigação, (Hughes e Ziek, 1995).

A eliminação ou captura de combatentes, de materiais, ou até mesmo a recolha de informações rodeadas de não-combatentes torna-se difícil para as ações militares visto que, na grande maioria das vezes os efeitos indesejáveis superam a vantagem dessas ações. Deste modo, e antes de passar à explicação do que consiste este tipo de técnica é imperioso perceber que as variáveis em causa são muitas e dependem da situação específica que caracteriza as operações naquele momento, (Rhymer e Danielsen, 2010).

2.3 – Operações de Cerco e Busca

Este procedimento operacional, por vezes denominado de Busca, é usado frequentemente, resumindo-se ao isolamento de uma ou mais zona(s)-alvo e à procura de indícios de revoltosos e/ou contrabando para possível captura ou destruição. Estas operações são das mais utilizadas em vários teatros, visto tratarem-se de ferramentas eficazes para privar a ameaça de meios e a detenção de elementos, permitindo desta forma controlar a população e os seus recursos, (Baillergeon e Sutherland, 2008).

As razões que de seguida se enumeram mostram a importância e a variedade de situações que podem originar uma operação deste tipo. São elas:

“A promoção da segurança de um itinerário, área ou edifício, para encontrar material e identificar contrabando de armas ou de veículos.” (Exército, 2011 p.141)¹².

A detenção de determinados indivíduos e a apreensão de materiais, visa evitar o contrabando e recolher provas ou informações, orientando-se portanto para pessoas, material, edifícios ou terreno. (USArmy, 2006).

As informações tornam-se a base deste tipo de operações, por isso é essencial que elas sejam obtidas de forma oportuna. O cruzamento de dados recolhidos por patrulhas, ou

¹² Outras razões para se efetuarem operações de Cerco e Busca são a suspeita de posse de armas, explosivos, ou outro material para capturar algum elemento suspeito, (Hughes e Ziek, 1995).

observado nos postos de controlo, associado aos dados obtidos em possíveis interrogatórios, assim como aqueles fornecidos pelo escalão superior, auxiliam a compreensão da situação e condução da operação. (USArmy, 2002)

São necessárias ter em conta diversas preocupações, o que limita de certo modo o comando e controlo. Têm de ser tomados os procedimentos correspondentes aos efetuados no combate em áreas edificadas, é necessário o enquadramento legal para a execução do mesmo, tendo ainda que ser planeados todos os pormenores operacionais de qualquer operação militar, (Hughes e Ziek, 1995).

O cerco e busca também pode ser utilizado como movimento de contato, para planejar um ataque, para reconhecimento, para esclarecer a presença de hostis no seio da população, para recolher informações, ou apenas para demonstração da força, (Baillergeon, Sutherland e Mckane, 2010)¹³.

As operações deste tipo necessitam de adaptações à situação local e ao ambiente que se vive na população. Em alguns casos a intimidação da população pode ajudar na busca de informações, em outros se for feita de modo permissivo traz vantagens claras para o cumprimento da missão, (Davila, 2010).

2.3.1 – Organização

Tanto a organização como o efetivo da força estão intimamente ligados à ameaça, com o terreno, à dimensão do objetivo e aos meios à disposição do Comandante, (Canada Army, 2007). A típica organização de uma força que executa uma Operação de Cerco e Busca assenta num elemento de comando, em elementos de segurança/cerco, em elementos de busca/assalto (que contém várias equipas) e ainda um elemento de reserva. Também pode optar-se por uma orgânica a três equipas, sendo elas a equipa de cerco, a equipa de segurança e a equipa de busca, (Guarda Nacional Republicana (GNR), 1997). Outra variante é a divisão da força em elementos de comando, que contem as equipas especializadas e os meios adicionais, os elementos de segurança, os elementos de busca e ainda um elemento de detenção e a reserva, (Barham, 1994).

¹³ Outros autores descrevem que este tipo de operações não pertence às missões tradicionais do Exército, denominadas de *Operations other than war* (OOTW), (Barroso, 2009).

Esta organização tem alguns fatores que se consideram influenciadores, pois podem integrar outros tipos de forças na normal organização para a tarefa do cerco e busca. Estes fatores são: a permissão legal para executar a detenção, por parte das Forças Armadas que executam a busca, ou se é necessário recorrer às Forças de Segurança Locais, (Mendes Ferrão, 2013). Mediante a situação, por vezes surge a necessidade de integrar na força algumas equipas especializadas como: intérpretes, cães de busca, equipas de inativação de engenhos explosivos, equipas de deteção de engenhos explosivos, equipas de tratamento de material informático, atiradores especiais, equipa de detenção, equipa de revista a veículos, equipa de demolição, equipa de documentação, equipa de reconhecimento, equipa de interrogatório, equipa de assuntos civis, ou mesmo equipa de media, (Stanton, 1994).¹⁴

2.3.1.1 – Comando

A equipa de Comando é responsável pelo planeamento e execução da operação, por isso deve dispor de elementos suficientes para efetuar as coordenações necessárias e sincronizar as operações. Com base nesta perspetiva é importante ter vários elementos que possam tratar em tempo oportuno novas informações que sejam dadas, tanto pelo elemento de busca como pelos elementos posicionados no cerco, (USArmy, 2006).

Como em todas as operações, os fatores de decisão¹⁵ são essenciais para estes elementos pois têm o poder de decisão, de como e onde atribuir os meios para que possam contribuir da melhor forma para o cumprimento da missão,¹⁶ (Davila, 2010).

O posicionamento desta equipa, uma vez que o esforço da operação é a busca, geralmente é junto a estes elementos e deve por norma integrar um representante do governo ou da polícia local para ter mais legitimidade na ação, (1ºBIMec, s.d.). O Comandante da força e o seu operador rádio devem seguir com o elemento de busca,

¹⁴ No Exercício SLIM LINES a organização da força que executou a operação valida o apresentado, pois a organização da força, de Escalão Batalhão, foi feita com um Pelotão a executar o cerco exterior, outro o cerco interior e um terceiro que efetuou a busca a duas habitações isoladas. Também se verificou a existência de um Pelotão como reserva, com capacidade para realizar a tarefa de controlo de tumultos, e também os elementos de comando que coordenaram a operação.

¹⁵ Missão, Inimigo, Terreno, Meios, Tempo disponível e Considerações de natureza civil (Exército, 2012).

¹⁶ É essencial para o sucesso e divide-se nos seguintes passos: Definir o ambiente operacional /campo de batalha; descrever os efeitos ambientais nas operações; avaliar a ameaça / adversário; Determinar o curso de ação da ameaça / adversário, (Benson e Weber, 2012).

enquanto o adjunto com outros elementos ficam na viatura ou num local onde controlem os movimentos, garantindo as comunicações com o Comandante e com o escalão superior, (Canada Army, 2007).

2.3.1.2 - Elemento de Segurança/Cerco

O elemento de segurança ou cerco pode dividir-se, dependendo da situação, em dois elementos: o cerco exterior e o cerco interior, (Freire, 2001). Estes cercos são uma tarefa atribuída a uma unidade com o intuito de impedir que o inimigo retire ou seja reforçado, garantindo assim o controlo da área e permitindo a liberdade de ação, mantendo a iniciativa. Noutra publicação é descrito que o cerco interior serve para isolar o objetivo, impedindo a retirada de elementos da força opositora, e o cerco exterior pretende impedir a chegada de possíveis reforços por parte dos elementos cercados, (Exército, 1963b).

Os cercos podem adotar a finalidade de impedir qualquer entrada e saída da zona do objetivo, devendo estes ser implementados nas buscas que se executam rapidamente onde é dada relevância à surpresa. Nas operações mais morosas, que se efetuam de forma mais minuciosa deve optar-se por postos de controlo, para não impedir a circulação normal, (Freire, 2012).

Passando agora para a abordagem mais específica do cerco exterior, conclui-se que estes elementos montam um anel exterior, não demasiado perto dos elementos de busca para, em caso de alguma situação imprevista, haver aviso em tempo oportuno. Na utilização destes elementos pode fazer-se uso de atiradores especiais, definir pontos de observação ou realizar algumas patrulhas, se necessário, (Idem, 2012).

Os principais objetivos do cerco interior são: a proteção do elemento de busca/assalto e assegurar que a força opositora não pode entrar ou sair da área onde se realiza a busca, devendo por isso ser feito a 360°. Esta força deve ter capacidade de controlo de tumultos, podendo ser utilizados vários métodos, tais como: a ocupação de posições dominantes, ou o uso de atiradores especiais. Uma das principais diferenças entre os cercos exteriores e interiores é a extensão do terreno, (Hughes e Ziek, 1995).

Caso se constitua então um cerco exterior e outro interior, deve haver interação destas equipas para clarificar perante a situação, a janela de tempo ideal para a sua colocação. Estas equipas não devem ser instaladas cedo demais para não quebrar o carácter

surpresa da operação, nem permitir uma reação da ameaça de forma a não colocar em causa o isolamento do objetivo, antes dos elementos de busca atuarem. Por estas razões tem havido um incremento de novos meios de vigilância, nomeadamente aérea, como é o caso dos UAV (*Unmanned Air Vehicles*), (Stanton, 1994).

2.3.1.3 – Elementos de Busca/assalto

A operação decisiva, onde o objetivo é encontrar pessoal ou material, bem como recolher informações em primeira mão, divide o seu pessoal em equipa de assalto, equipa de busca, equipa de segurança e equipa de apoio. (GNR, 1997) A primeira aborda o objetivo, o que permite a realização das tarefas a efetuar pela equipa de busca, que normalmente integra algumas equipas especializadas, mediante os quesitos recebidos para a missão. A equipa de segurança mantém a segurança imediata na área do objetivo e faz a detenção de possíveis elementos opositores, enquanto os elementos em apoio fornecem um apoio próximo na área da busca, podendo em qualquer fase auxiliar as outras equipas, (Greaves, 2010). Estas equipas devem ter a capacidade de executar a devida busca sob qualquer condição e em todo o tipo de terreno, devendo estar despertas para as especificidades das áreas urbanizadas, onde decorrem a maior parte das ações, (Consultar Anexo B) (EPI, 2008).

2.3.1.4 – Elemento de Reserva/Apoio

Deve proceder-se permanentemente à avaliação da ameaça, e manter uma força de reserva que permita ao Comandante a flexibilidade necessária para poder lidar com situações inesperadas. Algumas das tarefas que estes elementos podem ter são: o controlo de tumultos, o reforço de qualquer um dos cercos ou da equipa de busca, ou mesmo fazer a gestão dos elementos detidos, (Davila, 2010).

2.3.2 – Classificação das Operações de Cerco e Busca

A classificação mais comum nas Operações de Cerco e Busca é feita em operações com consentimento e operações sem consentimento. A organização da força e os procedimentos são semelhantes, identificando-se a diferença nos fatores surpresa, ímpeto e nas informações recolhidas, (Sutherland, Baillergeon e Mckane, 2010).

Os elementos do comando devem optar pela abordagem mais severa ou mais suave, com base no nível de informações acerca do objetivo e na análise da ameaça. As operações sem consentimento são conduzidas quando a velocidade e a surpresa são impostas, com a equipa de busca a transpor rapidamente os obstáculos que apareçam. As operações com consentimento realizam-se de forma mais suave, sendo este o método preferencialmente utilizado. A velocidade e a surpresa não são primordiais, mas não deixam de ser importantes, para não perder o ímpeto da operação. Apenas são sacrificadas para se conseguir uma construção de relações para incutir nas populações a legitimidade da operação e para que esta seja compreendida por eles, (Barham, 1994).

A vantagem das operações com consentimento é que ficamos desde logo com uma noção do que podemos esperar mediante a postura dos elementos abordados, apesar de poder haver situações imprevistas, sendo que a probabilidade é menor. A força de busca vai solicitar a aceitação da condução da operação, e quando concedida permite o uso de um dos métodos do cerco e busca, sem o uso da força, o método do conjunto central, a restrição de casas e o controlo dos chefes dos domicílios,¹⁷ (1º BIMec, s.d.).

Outra classificação menos usada divide-se, quanto ao planeamento da operação, em operações inopinadas ou operações planeadas, (Capote, 2011). As operações inopinadas podem decorrer de um posto de controlo, em que algum material não autorizado ou pessoas suspeitas foram encontradas, procurando com um cerco e busca a sua fonte, (Benson e Weber, 2012).

Por estas diferentes classificações, afirmamos que as operações inopinadas são na maioria das vezes sem consentimento, pois decorrem de alguma suspeita, e se a ameaça for real, os suspeitos certamente não vão consentir a operação. Quanto às operações planeadas

¹⁷ O método do conjunto central reúne todos os ocupantes do local numa posição central, o que permite maior controlo, simplifica a busca, nega ao pessoal a possibilidade de esconder provas, e permite um interrogatório detalhado. Um outro método eficaz para conduzir a operação é o de restringir os habitantes às suas próprias casas. Outro método mais eficaz é o do controlo dos chefes dos domicílios, onde o chefe de cada família é aconselhado a permanecer na zona frontal da sua casa e acompanha a Busca, enquanto todos os outros ocupantes da habitação são levados para uma posição central (NEP 1ª Companhia de Comandos).

podem ser com ou sem consentimento, podendo também ocorrer operações inopinadas com consentimento, embora em menor número, (Calçada, 2013).¹⁸

2.3.3 – Considerações de planeamento

Este tipo de operação tem algumas considerações, que se tornam essenciais para auxiliar todo o processo de planeamento e de execução da missão. Uma dessas considerações é a surpresa que minimiza uma reação dos suspeitos. Para se conseguir a surpresa é necessário outro atributo, que é a velocidade, para poder haver uma execução com ímpeto, (Capote, 2011).

Um elemento chave para realizar com sucesso a operação é o isolamento, que é essencial no combate em área edificadas/urbanizadas, (EPI, 2008). Também temos de identificar corretamente o alvo que procuramos, através das informações obtidas e de reconhecimentos, que se torna difícil ao atuarmos num ambiente urbano com a presença de civis não combatentes. Neste ambiente devem-se evitar os danos colaterais durante a operação, danos esses que podem levar a uma multiplicação da ameaça por parte da população e pelo poder dos média, (Exército, 2011).

Outro elemento essencial é o comando e controlo, pois num cerco e busca torna-se imperioso coordenar e sincronizar todas as equipas de manobra, num curto período de tempo. A complexidade da operação é também elevada, num espaço onde a ameaça está camuflada com a presença de civis, (Rhymer e Danielsen, 2010). O tempo é outro dos fatores primordiais, pois é essencial atuar de acordo com as informações recolhidas, numa janela de tempo, que caso não seja respeitada levará ao fracasso, (Stanton, 1994).

Por último e uma das mais importantes considerações a ter em conta e com especial relevância para esta investigação são as operações combinadas pois, em muitas situações realizam-se Operações de Cerco e Busca com o apoio do governo local, ou de outras organizações. Em qualquer tipo de ação, quer conjunta ou combinada, a conduta dos militares deve ser sempre de acordo com as regras de empenhamento e das tarefas para que a força está mandatada para executar. O mandato define também as responsabilidades da força para revistar e deter civis, onde por norma, os civis ou membros de fações suspeitas

¹⁸ Através do método demonstrativo, com a participação numa Operação de Cerco e Busca, pudemos verificar que no caso foi uma operação sem consentimentos, onde a surpresa era um elemento essencial na condução da operação. Quanto à classificação quanto ao planeamento, foi uma operação planeada.

de atividades ilegais devem ser entregues às autoridades civis, (Exército, 2011). Por regra o material capturado ficará na posse da Força Militar enquanto as pessoas são entregues às Autoridades Locais, quando estas não integrem a própria Força Militar, (Hughes e Ziek, 1995).

Outros alertas que a cadeia de comando tem de ter presentes são: os hábitos, a cultura e a religião dos elementos a revistar. Devem estar mulheres entre a equipa de busca de forma a respeitar os tabus culturais na revista e no tratamento de mulheres e crianças não combatentes. Esta complexa operação carece de um planeamento pormenorizado e requer uma execução sequencial ou faseada para que nenhuma tarefa comprometa o cumprimento da missão, (Banazol, 2013).¹⁹

2.4 – Caracterização da área de operações do Kosovo

2.4.1 – Caracterização Geral

A região do Kosovo com uma superfície de 11.000 Km² estende-se na parte central da península balcânica, localizada no cruzamento de importantes vias de comunicação, situando-se entre o mar Adriático, o mar Egeu e as terras do interior dos Balcãs. O seu território faz fronteira com a Sérvia a Norte a Leste; a Sul com a Macedónia; a Sudoeste com a Albânia e a Oeste com o Montenegro, (BrigMec, 2010).

O Kosovo, situado no interior, quase no coração da península Balcânica é uma região bastante acidentada e elevada que também permite uma ótima rede hidrográfica. De referir que contém subsolo muito rico em minerais, revestindo-se de boas condições para a agricultura, com predomínio de pastos em detrimento das instâncias turísticas, (Martinho, 2009).

Em Agosto de 1999, o estudo das forças internacionais a entrar no teatro revela que a população nesta região atingia cerca de 1.500.000 habitantes, dos quais 98.000 eram de origem Sérvia, 1.350.000 Albanesa e 73.000 Croata, Cigana e outras minorias, (Assis, 2009).

¹⁹ A experiência vivida na execução deste tipo de operações, permitiu a verificação de todas as considerações necessárias ao planeamento da operação. Dependendo da operação existem algumas preocupações que se tornam de maior relevância. No caso da operação do exercício da BRAVO COY, o isolamento da área, a identificação correta do alvo, com os reconhecimentos efetuados, e ainda a falta do tempo e as medidas de coordenação, foram as bases para o sucesso da operação.

Das cidades a destacar só a capital, Prístina, superava os 100.000 habitantes, onde se seguem por importância Prizren, Mitrovica e Pec que tinham pouco mais de 80.000 habitantes, (Consultar Anexo C) (BrigMec, 2010).

2.4.2 – Aspetos Histórico – Políticos

Em 1991, com a desintegração da República Socialista Federativa da Jugoslávia, países como a Eslovénia, a Croácia e a Macedónia declararam a sua independência. À Bósnia não lhe foi concedido esse direito, pois constituía-se como parte da Sérvia. Deu-se, assim, a declaração de guerra por parte do Presidente Slobodan Milosevic à Bósnia. Depois de vários conflitos bastante sangrentos, o término desta Guerra foi obtido com um acordo entre as partes, (Gibbs, 2009).

Após a Bósnia Herzegovina ter conseguido a sua independência, surge a vontade dos Kosovares albaneses constituírem também o seu Estado independente. Para evitar tal acontecimento, Milosevic retira a autonomia que a região tinha e passa a controlá-la mais de perto de forma a diminuir o nacionalismo emergente nos albaneses, (Martinho, 2009).

Com forças sérvias posicionadas no Kosovo, a reação dos locais foi a criação de uma força reivindicativa denominada ELK (Exército de Libertação do Kosovo). Esta força agiu violentamente, com a intenção de expulsar as forças de Milosevic e da região Kosovar ser unificada à Albânia, gerando-se um confronto, (Idem, 2009).

Aquando destes confrontos, surgiu uma reação da comunidade internacional, que pressionou as duas facções para porem termo ao conflito, não provocando qualquer acalmia da situação. Após uma nova tentativa falhada de um acordo pacífico, proposto pela NATO (*North Atlantic Treaty Organization*), a 24 de Março de 1999, esta Organização fez diversos bombardeamentos à Jugoslávia. Passados cerca de três meses, Milosevic foi obrigado a pactuar com a NATO, devido aos pesados danos que sofreu nas suas infraestruturas, onde assinou um acordo de paz, propondo-se a retirar as suas forças da região Kosovar, (Assis, 2009).

O Conselho de Segurança das Nações Unidas emitiu a resolução 1244, conferindo à NATO a responsabilidade de gerir a crise e desencadear o processo de paz, e também de reconstrução e de estabilização da região. Em 17 de Fevereiro de 2008, a Assembleia do Kosovo, declarou independência, e no prazo de três meses, mais de 40 nações reconheceram formalmente o Kosovo como um país independente, (Gibbs, 2009).

2.4.3 – Autoridades presentes no Kosovo

No ano de 2012, as entidades presentes, responsáveis pela reconstrução e por todo o processo de autonomia do Kosovo, eram a ONU (Organização das Nações Unidas), a UE (União Europeia), a NATO e as Forças de Segurança locais.

A NATO está representada pela KFOR (*Kosovo Force*), que tem os Multinational Tasks Battle Groups, que atuam dispersos no território do Kosovo, têm as duas reservas: a MSU (*Military Specialized Unit*) e a KTM (*Kosovo Tactical Manoeuvre*). Estas reservas são forças que não têm um setor atribuído e estão em treino constante, para poder atuar. Normalmente são a força de 3º nível de atuação, a seguir à KP (*Kosovo Police*) e EULEX (*European Union Rule of Law In Kosovo*), sendo a sua tarefa diária interagir com todas as forças presentes no teatro observando as suas capacidades e executando exercícios em conjunto, (Abreu, 2013). As suas tarefas para além do treino são: substituir ou reforçar os Multinational Battle Groups, estar pronto para conduzir operações de controlo de tumultos, tarefas de vigilância, escolta e proteção, que pode ser em apoio ou em coordenação com as Forças de Segurança. Também pode colaborar em detenções quando requerido pelas Forças de Segurança, de acordo com o mandato das Nações unidas e apoiar a EULEX e/ou a KP no combate do crime organizado, (Mendes Ferrão, 2013).

As Nações Unidas fazem-se representar pela UNMIK (*United Nations Mission In Kosovo*), que está a monitorizar a situação com um conjunto de observadores. Esta missão da ONU tem vários departamentos, desde a área da justiça, da saúde, até ao impacto ambiental. Neste contexto também tem a vertente militar, onde contém os observadores militares, que observam a atuação das forças da NATO, e elaboram relatórios com os padrões de atuação, (Idem, 2013).

A UE tem a sua representação, denominada de EULEX e que tem três áreas de atuação. A primeira é com a polícia, onde mantém uma constante ligação forte com a KP, e em alguns casos até atuam em conjunto. Também atuam na área da alfândega, nas fronteiras, e na componente da justiça, onde estão os Tribunais e os Juizes, (Sá, 2013).

As Forças locais que têm que ser referidas no Kosovo são: a KP, a KPC (*Kosovo Protection Corps*) e a KSF (*Kosovo Security Force*).

No dia 06 de Setembro de 1999, a missão da OSCE (*Organization for Security and Co-operation in Europe*) no Kosovo, em sintonia com a resolução 1244 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, estabeleceu a criação da KPS (*Kosovo Police Service*). Esta foi crescendo gradualmente e em 2004 atingiu o efetivo planeado de 7000 agentes. Desses, cerca de 85% são Kosovares Albaneses e os restantes 15% são Kosovares Sérvios e das restantes minorias étnicas. Desde Junho de 2008, após a implementação da Constituição do Kosovo, a KPS passou a designar-se apenas KP. A sul do Kosovo, a KP já opera de forma independente, mas a norte não tem capacidade de atuação, (Marques, 2013).

O KPC foi criado em 21 de Setembro de 1999, dando resposta aos desastres e catástrofes naturais nomeadamente incêndios, acidentes industriais, à condução de operações de Busca e salvamento, assistência humanitária e para contribuir para a reconstrução das infra-estruturas e das comunidades, (KFOR, 2009).

O KPC não tem nenhuma missão no âmbito da defesa, imposição da lei, controlo de tumultos, segurança interna ou outras tarefas respeitantes a lei e ordem. O Representante do Secretário-geral das Nações Unidas no Kosovo exerce a direção, financiamento e autoridade administrativa sobre o KPC. A KFOR tem a seu cargo o treino específico, a supervisão e a inspeção do KPC, (Rodrigues, 2013).

A KSF é uma Força de Segurança Multiétnica, que tem como principais missões: a realização de operações de resposta a crises no Kosovo, bem como no exterior do país; realização de operações no âmbito da proteção civil: busca e salvamento, neutralização de materiais explosivos, controlo e eliminação de materiais perigosos e combate a incêndios, (Baillergeon e Sutherland, 2008).

2.4.4 – Operação Militar em Curso

A missão no TO do Kosovo insere-se nas OAP²⁰ – Consolidação da Paz, de acordo com a Diretiva N.º 194/CEME/10, emanada pelo CEME (Chefe do Estado Maior do Exército) - “O comprometimento do Estado Português na contribuição para a estabilização da paz no Kosovo, colaborando na criação de condições para um progressivo incremento da responsabilidade das Partes nas ações de consolidação da paz e para uma crescente

²⁰ Nas OAP incluem-se missões de: Consolidação da Paz, Manutenção de Paz, Imposição de Paz, Prevenção de Conflitos, Restabelecimento da Paz e Operações Humanitárias (EPI, 2008).

participação das componentes civis no estabelecimento de um ambiente de segurança sustentado naquela região dos Balcãs.” (CEME, 2010, p. 1).

Um alerta para as diferentes missões e para os diferentes teatros em que estamos inseridos. Apenas referindo o TO do Afeganistão, podemos verificar uma realidade totalmente diferente, (Serra Pedro, 2013). A missão, a ameaça, o terreno, os meios, e a população (de uma maneira geral são os fatores de decisão já enunciados) vão determinar o modo como as forças têm que operar,²¹ (NATO, 2009). A missão que decorre no Kosovo é de consolidação da paz, e atualmente as forças destacadas neste TO, têm feito um acompanhamento das forças e dos órgãos locais, para que este país consiga ter uma paz sustentada e para que, progressivamente se torne autónomo na sua administração, (Mendes Ferrão, 2013)

Assim, não podemos ter apenas uma visão das Operações de Cerco e Busca no TO do Kosovo, pois cada missão e o nível de ameaça vão afetar a condução desta tarefa. Podemos perceber que numa operação de guerra convencional podemos fazer uso desta tarefa, com uma abordagem diferente, onde a ação e a postura dos Homens seria mais violenta, apesar dos princípios doutrinários serem os mesmos, (Abreu, 2013).

²¹ “(...) Foi capturado um bombista suicida (...) em direção a Cabul para se fazer explodir. (...) Evitou-se muito sangue em Cabul”, (Pires, 2011 pp.176-177). Podemos verificar neste caso, numa operação de Cerco e Busca no TO do Afeganistão, em que a ameaça faz com que se altere a postura e as medidas de segurança das forças que executam as operações.

2.5 – Síntese Conclusiva

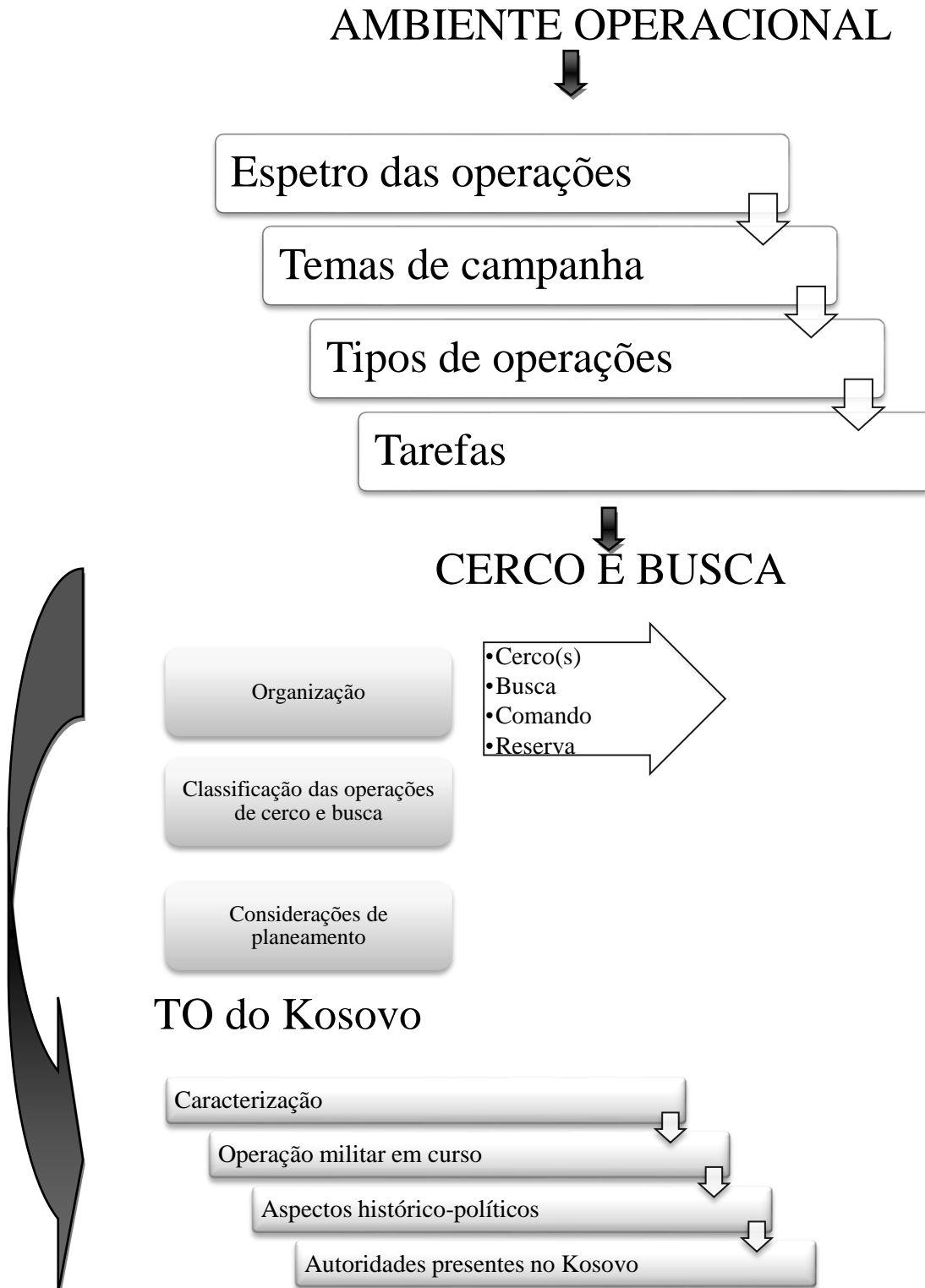


Figura 2 – Síntese Conclusiva

Capítulo 3

Metodologia e Procedimentos

3.1 – Introdução

Após a revisão de literatura onde se apresentaram as várias perspectivas acerca dos conflitos da atualidade, da condução das operações de Cerco e Busca e onde fizemos uma breve caracterização do TO em estudo, vamos agora debruçar-nos na componente prática deste trabalho. O chamado trabalho de campo é o que nos vai dar os frutos que pretendemos colher nesta investigação, validando a mesma. Deste modo com o trabalho de campo pretende-se recolher a informação pertinente para dar resposta ao problema que gerou a investigação.

A base da investigação é “o diagnóstico das necessidades de informação e seleção das variáveis relevantes sobre as quais se irão recolher, registar e analisar informações válidas e fiáveis”. (Sarmiento, 2008, p.3) Neste capítulo pretende-se complementar a informação descrita na introdução de forma sucinta, acerca da metodologia e das técnicas e procedimentos utilizados. Assim, vamos descrever o método de abordagem deste trabalho, as técnicas, procedimentos e meios utilizados. Ainda vamos apresentar o local e data da pesquisa e recolha de dados e por fim descrever os procedimentos de análise e recolha de dados, bem como os materiais e instrumentos utilizados.

3.2 – Método de abordagem

Para realizar este trabalho pretendemos usar uma forma que “...gera, através de um trabalho lógico, hipóteses, conceitos e indicadores para os quais terão de procurar correspondência real”, o chamado método hipotético-dedutivo. (Quivy & Campenhoudt, 2008/1995, p.144)

A investigação teve impulso nas diversas leituras exploratórias realizadas, desde doutrina da NATO, portuguesa e americana, artigos, lições apreendidas, e diversas publicações até às experiências partilhadas por quem já participou ou mesmo comandou

Operações de Cerco e Busca. Com esta **análise documental**, na parte inicial do trabalho, foi possível identificar exatamente o que pretendíamos estudar e as áreas de maior relevância integradas nesta temática.

Depois dispondo do **método inquisitivo**, por meio de entrevistas informais ou não estruturadas e de entrevistas semiestruturadas²², permitiu-nos realizar o trabalho de campo, e recolher informações para responder à questão central levantada, (Sarmiento, 2008).

Também o **método demonstrativo** foi utilizado, na participação do aprontamento da Bravo Coy para a missão no TO do Kosovo, no exercício *SLIM LINES* (Consultar Apêndice A), onde foi treinado o procedimento operacional em estudo. Com esta experiência pudemos retirar alguns procedimentos base utilizados, bem como alguns materiais e técnicas realizadas, que sejam do interesse da investigação, (Idem, 2008).

3.3 – Técnicas, Procedimentos e Meios Utilizados

Com este trabalho de campo obtivemos a informação, inicialmente com recurso à pesquisa bibliográfica, e posteriormente no trabalho de campo em si, com recurso a entrevistas individuais, que são um tipo de informação primária qualitativa, (Ibidem, 2008).

Na componente teórica do trabalho, que deu forma ao Capítulo 2 (Revisão de Literatura) deste trabalho, que possibilitou definir os limites deste estudo, foi desenvolvida a problemática a tratar. No trabalho de campo, a entrevista é a técnica de recolha de informação que permite maior flexibilidade, (Carlos Gil, 1999). Nesta componente prática para além da análise documental já descrita, foram usados dois tipos de entrevista: não estruturadas e semiestruturadas. Nas entrevistas, por vezes chamadas exploratórias, (Consultar Tabela 1, pag. 29) que não foram estruturadas, pretendemos a recolha de informação através de uma simples conversa, onde abordamos o tema em geral, e entramos depois nas áreas que queremos ver esclarecidas, com respostas abertas do entrevistado. As entrevistas semiestruturadas, onde “o entrevistado responde às perguntas do guião mas

²² Existem três tipos de entrevistas: estruturada, semiestruturada e não-estruturada. Entende-se por entrevista estruturada aquela que contém perguntas fechadas, semelhantes a formulários, sem apresentar flexibilidade; semiestruturada a direcionada por um guião previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas; não estruturada aquela que oferece uma ampla liberdade na formulação de perguntas e na intervenção do entrevistado, (Manzini, 2004).

pode falar sobre outros assuntos realizados” (Sarmiento, 2008, p.18) deve seguir-se a estrutura presente no guião, onde as mesmas perguntas, com o mesmo conteúdo, são feitas pela mesma ordem, a um grupo de entrevistados, (Consultar Tabela 2, pag. 30).

Estas entrevistas foram conduzidas através de um guião (Consultar Apêndice B) onde se encontravam algumas questões que foram exploradas mediante as respostas dadas pelos entrevistados, para conseguir validação ou não das hipóteses levantadas. No guião elaborado pretendemos seguir um caminho que permita ir ao encontro das variáveis em estudo. Nas entrevistas a especialistas, como no caso deste estudo, o guião está presente apenas para o caso de o entrevistado fugir aos objetivos, serve de ferramenta ao entrevistador para se referenciar. Mas de modo a evitar esta fuga do tema, deve explicar-se muito bem o que pretendemos com as entrevistas, qual a informação que queremos recolher e ao que queremos responder, (Flick, 2005).

As entrevistas semiestruturadas têm a vantagem de se poder obter dados comparáveis entre os vários sujeitos. Este tipo de entrevistas parecem ser as mais adequadas neste contexto, para além de permitirem alguma segurança ao investigador, pois tem um guião a que se possa agarrar e tem também a possibilidade de flexibilidade, selecionando posteriormente a informação pertinente, (Patton, 1990 citado por Tuckman, 2002). Assim, também pudemos captar alguma informação esclarecedora da realidade vivida e que se referencia na revisão de literatura, porque a opinião destes especialistas também se traduz numa referência quando estes transparecem as suas experiências pessoais.

Para que nenhuma informação fosse perdida, recorreremos à utilização de um gravador para registar as entrevistas. Com exceção das entrevistas nº 1, 5 e 9 (Consultar Tabela 3, pag. 31) que foram feitas por correio eletrónico, devido à localização dos entrevistados. Este uso de gravador é indicado na realização de entrevistas para poder ampliar o registo e captação de todos os elementos de comunicação. É de extrema importância, pois permite perceber exatamente o raciocínio do especialista entrevistado, através das pausas de reflexão, das dúvidas ou da entoação da voz, permite aprimorar a compreensão da mensagem.

Quanto ao método demonstrativo, devemos perceber que o papel foi apenas de observador, onde se confirmaram alguns dos procedimentos adquiridos com as publicações existentes. Mas esta experiência também se mostrou enriquecedora para poder ter a percepção de que nem tudo se processa com a simplicidade descrita no desenrolar da operação. Assim, podemos incrementar uma visão crítica do desenrolar de uma Operação

de Cerco e Busca, e assistir aos treinos realizados por uma unidade em aprontamento para o TO.

3.4 – Local e Data da pesquisa e recolha de dados

Apresentadas as técnicas usadas, de seguida vamos abordar os locais, os momentos e a justificação da realização das entrevistas, quer as não estruturadas, quer as semiestruturadas.

3.4.1 – Entrevistas Não Estruturadas

Estas entrevistas servem essencialmente para recolha de informação acerca das áreas de maior relevância para o estudo, servindo de base para as posteriores entrevistas. Além disso, estas entrevistas devem ser feitas a especialistas no tema em estudo, que nos devem dar respostas abertas o que nos alargue o conhecimento sobre a temática, (Carlos Gil, 1999).

Também podemos com estas entrevistas, ser aconselhados sobre as obras ou bibliografia de referência relativas ao tema, o que auxilia também na elaboração do Capítulo 2 – Revisão de Literatura. Neste âmbito podemos também contar com o auxílio do Orientador e Coorientador da investigação que sempre esclareceram todas as dúvidas colocadas.

Tabela 1 – Lista de Entrevista Exploratórias

Entrevistado	Local	Data
TCor Cav Freire	Biblioteca da AM	05/03/2013
TCor GNR Oliveira	Correio eletrónico	02/04/2013
Maj Inf Fontoura	IESM	07/02/2013
Maj Inf Cancelinha	CFT	26/02/2013
Maj Inf Bernardino	ETP	03/04/2013
Maj GNR Barradas	Correio eletrónico	04/04/2013
Cap GNR Hermenegildo	5ªComp AI AM	12/03/2013
Cap GNR Cruz	Correio eletrónico	03/04/2013

3.4.2 – Entrevistas Semiestruturadas

Com estas entrevistas pretende-se obter a informação, que após ser tratada nos permite chegar aos resultados para analisar. No capítulo que a seguir se apresenta é esse o trabalho que vai ser feito, através da apresentação e análise dos dados recolhidos nas entrevistas, seguido da sua discussão.

As tabelas que se seguem apresentam-nos a pertinência da realização da entrevista e a data e local da mesma, respetivamente. Assim, permite saber a razão da seleção dos entrevistados, perante as funções que desempenham ou desempenharam, para contribuir de forma válida para a elaboração do trabalho.

Como referido na delimitação do tema os Oficiais entrevistados desempenharam o cargo de Comandantes de Unidades de Escalão Batalhão, no TO do Kosovo. Na sua passagem pelo Kosovo e dado ao número de entrevistas e ao período em que estes Oficiais estiveram no teatro, pudemos ter uma perceção da evolução deste tipo de operações no teatro, bem como a sua frequência, dado o evoluir desta operação de estabilização.

Tabela 2 – Lista de Entrevistados da função atual e do cargo de interesse para o estudo

Entrevistados	Cargo Atual	Função de relevância para o objeto de estudo
MGen Calçada	NRM (Representante Militar Nacional) junto de SHAPE (Mons/Bélgica)	Comandante do Agr BRAVO no TO do Kosovo em 1999/2000
Cor Cav Banazol	Secretário-Geral da Comissão Portuguesa de História Militar	Comandante do Agr DELTA no TO do Kosovo em 2001
Cor Inf Mendes Ferrão	Frequenta o CPOG	Comandante do 1BIMec no TO do Kosovo em 2006
Cor Inf Guerreiro da Silva	Comandante do RI 15	Comandante do 1BIPara no TO do Kosovo em 2006/2007
TCor Inf Serra Pedro	Intel Analyst no Joint Force Command Brunssum, na	Comandante do 1BIPara no TO do Kosovo em 2008

Holanda	
Cor Cav Rodrigues	Comandante do RC6 Comandante do Agr MIKE no TO do Kosovo em 2008/2009
TCor Inf Teixeira	Chefe da Repartição de Recursos do EM do CmdPess Comandante do 1BI da BrigInt no TO do Kosovo em 2009
TCor Inf Abreu	Chefe de Direção de Formação e Divulgação da ETP Comandante do 1BIPara no TO do Kosovo em 2010/2011
TCor Cav Marques	Chefe G7 do EM da BrigInt Comandante do GAM no TO do Kosovo em 2011/2012
TCor Inf Sá	Chefe da Repartição de Planeamento do EM do CmdPess Comandante do 1BI no TO do Kosovo em 2012
TCor Inf Gonçalves	Comandante do 2BI do RI14 da BrigInt Comandante do 2BI a aprontar para o TO do Kosovo

Tabela 3 – Lista de Entrevistados, data e local das entrevistas

Nº da Entrevista	Entrevistados	Local	Data
1	MGen Calçada	Correio eletrónico e telefone	18/04/2013
2	Cor Cav Banazol	Comissão Portuguesa de História Militar	02/04/2013
3	Cor Inf Mendes Ferrão	IESM	09/04/2013
4	Cor Inf PQ Guerreiro da Silva	RI 15	20/03/2013
5	TCor Inf Serra Pedro	Correio eletrónico	22/03/2013
6	Cor Cav Rodrigues	RC 6	25/03/2013
7	TCor Inf Teixeira	EM CmdPess	10/04/2013
8	TCor Inf Abreu	ETP	03/04/2013
9	TCor Cav Marques	Correio eletrónico	28/04/2013
10	TCor Inf Sá	EMCmdPess	10/04/2013
11	TCor Inf Gonçalves	RI 14	06/06/2013

3.5 – Descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados

Apesar de alguns autores defenderem que as entrevistas são um tipo de informação primariamente qualitativa, para a apresentação e análise dos dados temos que os converter para uma forma quantitativa, onde ganha força o que se verifica com maior frequência. Por isso, em investigação quando um segmento ou perspectiva tem um número significativo de apoiantes, ou concordantes, mais relevante ela se torna, (Carmo e Ferreira, 1998). Nesta perspectiva quantitativa a pesquisa de informação deve ter como meta a análise da mesma, por isso deve ser feita sobre factos ou fenómenos que possam ser observados e medidos, (Coutinho, 2011).

Como referido, o método de recolha desta informação foram as entrevistas semiestruturadas, e para a sua análise foi usado um método denominado survey, (Coutinho, 2011). Este método pretende retratar a distribuição, ou a frequência, ou mesmo relacionar as variáveis estudadas. No presente estudo vamos analisar as respostas dadas e verificar a incidência das respostas obtidas nas entrevistas.

Para um melhor foco na informação pretendida, vamos transcrever as entrevistas, nas partes que interessam ao estudo, em quadros resumo, que estão divididos nas questões colocadas, (Consultar os Apêndices: C, D, E, F, G, H, I, J, K, L e M). Esta técnica de análise de conteúdo quantitativa denomina-se técnica sintetizadora, onde a informação é “parafaseada: saltam-se as passagens e paráfrases menos relevantes, (...) e são agrupadas e resumidas paráfrases similares (...) O processo consiste na redução do material pela condensação das afirmações em formulações mais gerais (...)” (Flick, 2005, p. 194)

Depois de ter estes quadros que têm a informação chave e que contribuem grandemente para este estudo, no capítulo que a seguir se apresenta, vamos obter tabelas e gráficos que nos permitem chegar à análise quantitativa de cada uma das questões. Depois de obter esta análise de resultados, torna-se também necessário discutir estes resultados à luz da teoria existente acerca do tema.

As diversas questões são respondidas pelas dez entrevistas obtidas no seu todo, complementadas com uma entrevista que apenas responde às questões referentes ao treino, por isso, a amostra passa a ser de onze elementos. Nas restantes questões também podemos assistir a amostras diferenciadas, porque alguns elementos não executaram operações com Forças de Segurança, mas através das suas respostas podemos retirar contributos para o padrão de atuação das Forças Armadas.

3.6 – Descrição dos materiais e instrumentos utilizados

No trabalho de campo foram utilizados: o guião de entrevista, um gravador para gravar as entrevistas e o correio eletrónico, que apenas foi utilizado devido às impossibilidades dos entrevistados. O gravador utilizado foi uma aplicação do tablet MP Man, sendo pedida a devida autorização ao entrevistado para ser gravada a entrevista, bem como feita a referência que não ia ser feita nenhuma citação da entrevista sem a sua autorização.

Durante a análise e tratamento de dados foi usado o *Microsoft Excel 2007*, para o tratamento estatístico da informação e para a realização de gráficos e tabelas. Também foi usado o *Microsoft Word* para a elaboração de tabelas e de quadros resumo.

Capítulo 4

Apresentação, Análise e Discussão de Resultados

4.1 – Introdução

Após a transcrição da informação obtida nas entrevistas, inicia-se a análise dos dados. A forma de tratamento mais utilizada é a análise de conteúdo, que consiste na leitura detalhada de todo o material transcrito, na identificação de palavras e conjuntos de palavras que tenham sentido para a pesquisa, (Bardin, 2003). Assim, há depois uma classificação em categorias ou temas que tenham semelhança quanto ao critério sintático ou semântico, (Coutinho, 2011).

No presente capítulo vamos apresentar e analisar os resultados obtidos no trabalho de campo, depois do tratamento dos dados recolhidos nas entrevistas. Adotámos para o efeito gráficos e tabelas, onde se apresentam as ideias mais importantes que foram referidas por cada um dos entrevistados.

Seguidamente será feita a discussão dos resultados para cada uma das questões respondidas, estabelecendo relações com a revisão de literatura presente no trabalho, para validar a teoria com o que se verifica na prática.

4.2 – Apresentação, Análise e Discussão dos resultados das entrevistas

Neste subcapítulo apresentamos os resultados obtidos em cada uma das questões do guião de entrevista, onde procedemos à contagem da incidência em determinadas partes das respostas. Posteriormente discutiremos os resultados apresentados à luz dos conceitos teóricos, relacionando os resultados obtidos nas entrevistas com os conceitos teóricos referenciados, ou mesmo relacionando as diversas questões da entrevista.

4.2.1 – Apresentação e análise da Questão nº1

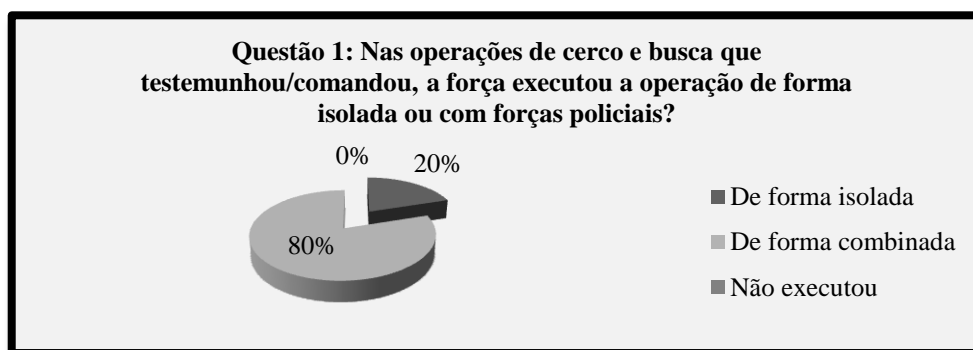


Gráfico 1 – Interação com outras forças

O Gráfico nº 1 apresenta os resultados obtidos na Questão n.º1. Este gráfico mostra-nos os dados acerca das participações em Operações de Cerco e Busca no TO do Kosovo e se foram executadas de forma isolada ou de forma combinada.

Podemos verificar que a maioria dos entrevistados, com a percentagem de 80%, efetuou Operações de Cerco e Busca de forma combinada, com Forças de Segurança. É de referir também que 20% dos inquiridos realizou Operações de Cerco e Busca, mas apenas com Forças Armadas, ou seja, de forma isolada.

Todos os entrevistados afirmaram ter feito Operações de Cerco e Busca, daí os 0% que aparece nos elementos que não realizaram qualquer operação.

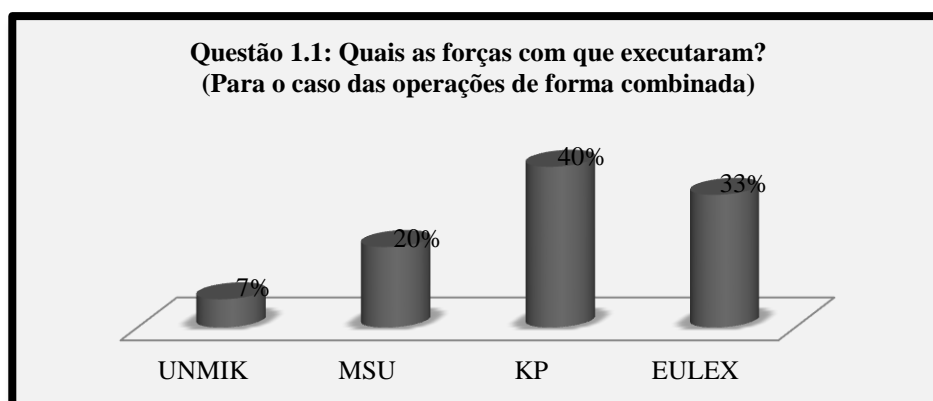


Gráfico 2 – Interação com Forças de Segurança

Dentro da Questão nº 1, apresenta-se agora quais as Forças de Segurança com que os Comandantes de Batalhão entrevistados interagiram aquando da execução das Operações de Cerco e Busca.

Como podemos visualizar, a maior parte da interação foi feita com os elementos da KP, com 40% dos entrevistados. Também a EULEX se destaca por ter executado esta tarefa de cerco e busca com os portugueses, com 33%. Estas percentagens também se tornam elevadas e parecidas, porque é a EULEX que contribui atualmente para a formação e acompanhamento da KP. Por isso, na maioria das situações quando se atuava com a EULEX a KP também integrava a força.

Em menor expressão mas também importantes, a interação feita com a MSU, a força pertencente à KFOR, de cariz policial, com 20% das respostas, e a UNMIK com 7% das operações combinadas feitas pelas forças portuguesas nas Operações de Cerco e Busca.

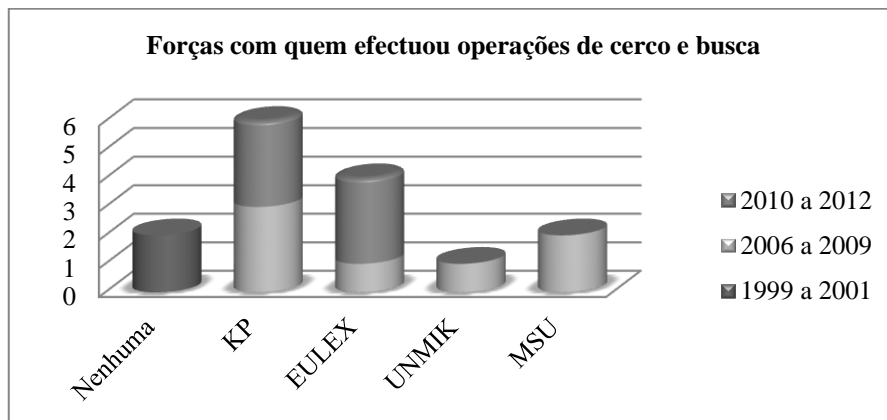


Gráfico 3 – Interações com as Forças de Segurança no decorrer da missão

Neste gráfico podemos visualizar no tempo como foram estas interações, ao longo da missão que a força portuguesa está a efetuar no TO do Kosovo.

Desde 1999 a 2001 podemos afirmar que as Operações de Cerco e Busca que existiram foram feitas de forma isolada, sem interação com outras forças.

De 2006 a 2009 houve já interação com todas as forças, sendo as mais expressivas a KP, com três dos entrevistados a afirmar que interagiu com esta Força de Segurança Local, e dois com a MSU. Com apenas uma resposta seguem-se a EULEX e a UNMIK.

De 2009 até 2012 as interações nas Operações de Cerco e Busca nas operações combinadas, restringiram-se à EULEX e KP com três interações com cada uma das forças.

4.2.1.1 – Discussão da Questão nº 1

Como podemos ver nos gráficos a maior parte dos contingentes portugueses que estiveram presentes no Kosovo conduziram operações com forças multinacionais e Forças Locais, neste caso de Segurança. É possível confirmar a importância das operações combinadas face ao atual e complexo ambiente operacional, (Exército, 2012).

Também conseguimos visualizar a evolução desta interação onde é cada vez mais dada a oportunidade às forças locais de intervir, com um papel mais preponderante. Esta missão no Kosovo começa sem qualquer interação das forças portuguesas com qualquer força, nos anos de 1999 a 2001. Neste período as FA executavam todas as tarefas. Nesta altura foi registado um período de excessiva agitação, sendo preferencialmente usadas as FA. Só mais tarde, entre 2006 e 2009, é que as FA começaram a interagir com a MSU, que é uma Força de Segurança, pertencente à KFOR, (Sá, 2013).

Depois disso passam então a ganhar peso as operações combinadas, com forças da EULEX, que integram a KP, para que esta comece a atuar autonomamente, e já se verificam mesmo interações apenas com a KP, o que vai ao encontro do objetivo da missão no Kosovo que é formar um Estado autónomo em todas as vertentes, (Mendes Ferrão, 2013).

4.2.2 – Apresentação e análise da Questão nº 2

Quadro 1 – Padrão de atuação das Forças Militares na condução de Cerco e Busca

Q2 – Qual a forma de atuação das Forças Militares nas operações de Cerco e Busca? Quais as tarefas que desempenhavam?												
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	%
Força de Cerco, Força de Busca, Reserva e Comando	X	X		X								25%
Reconhecimento e Vigilância, Cerco Interior e Cerco exterior, Reserva e Comando			X	X				X				25%
Cerco exterior e Cerco Interior			X				X		X	X		33%
Cerco interior, Cerco exterior e acompanhar a força de Busca						X	X					17%

O Quadro nº 1 que se apresenta mostra-nos o padrão de atuação das FA na tarefa do cerco e busca. Podemos verificar que a maioria dos entrevistados afirma que a tarefa mais comum das Forças Armadas é executar os cercos, com 33% a responder que nas operações que executou participou no cerco interior e exterior. De seguida, com a percentagem, de 25% temos a participação das forças portuguesas a atuar como reserva, comando da operação, execução dos cercos e reconhecimento e vigilância do objetivo. Com a mesma percentagem, temos a execução de todas as tarefas necessárias para realizar a operação. Com menor percentagem estão a constituição dos cercos com o acompanhamento da força de busca, onde apenas 17% efetuaram estas tarefas.

4.2.2.1 – Discussão da Questão nº 2

Quanto ao padrão de atuação as Forças Armadas estão mais vocacionadas para executar as operações de cerco, interior e exterior, reconhecimento da zona alvo e também vigilância, (Abreu, 2013). Também cabe, por norma às Forças Armadas constituir a

reserva, que tem que ser uma força com capacidade para fazer face a imprevistos e comandar o desenrolar da operação. É isso que se tem verificado, pois as Forças Armadas estão padronizadas para essas tarefas, enquanto as Forças de Segurança ficam com a tarefa da busca, (Mendes Ferrão, 2013).

4.2.3 – Apresentação e análise da Questão nº 3

Quadro 2 – Organização da força

Q3 – Com o conhecimento das diversas equipas que se constituem para conduzir uma operação de Cerco e Busca, como se organizava a força para executar este tipo de operações?												
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	%
Força de Cerco interior, Cerco exterior, equipa de Busca, reserva e comando	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	100%

Nesta Questão nº 3 todos os entrevistados responderam de forma unanime, quanto à organização da força para uma Operação de Cerco e Busca. Todos referiram que a organização deste tipo de operação é constituída pelas equipas de cerco ou também chamadas pelos entrevistados, por elementos de segurança, reserva, comando e ainda a equipa de busca. Com algumas variâncias nas denominações das diferentes equipas, mas todos concordam com a organização descrita.

4.2.3.1 – Discussão da Questão nº 3

Quanto à organização base para as Operações de Cerco e Busca, a opinião é concordante e vai ao encontro do que é referido na doutrina sobre o cerco e busca, (Barham, 1994). Com as variantes e as especificidades de cada missão a organização é variável, quanto ao efetivo de cada elemento, mas as referências são sempre as mesmas. Constituindo-se uma ou duas equipas de cerco, a equipa de busca com as diversas equipas especializadas, a reserva e o comando, (GNR, 1997).

4.2.4 – Apresentação e análise da Questão nº 4

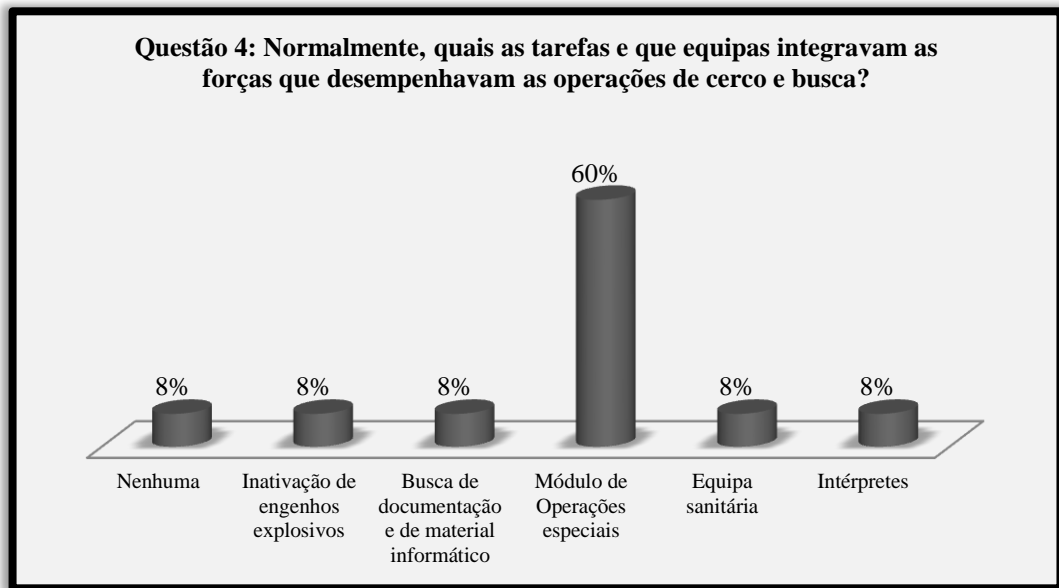


Gráfico 4 – Equipas especializadas dentro da equipa de Busca

Quanto às equipas especializadas, é dada a preponderância quase exclusiva ao módulo de Operações Especiais, com os seus elementos a executar a vigilância e reconhecimentos, bem como, dar a valência de atiradores especiais, que aumentam as potencialidades de uma força. Com pouca frequência foram também usadas equipas de inativação de engenhos explosivos, equipas de busca de documentação e material informático, equipa sanitária e intérpretes, com 8% cada.

4.2.4.1 – Discussão da Questão nº 4

As equipas especializadas que integram as forças mostram ser insuficientes para a complexidade da tarefa de cerco e busca. Podemos verificar que o módulo de operações especiais é essencial para aumentar as capacidades do Batalhão português, (Fernandes, 2010). Por outro lado, é uma lacuna a falta de outras equipas, integradas nas Forças Armadas e de Segurança, que possibilitem uma melhor condução da busca. Na revisão de

literatura surgem descritas inúmeras equipas especializadas que podem ser integradas na força, o que dá expressão às reduzidas capacidades existentes na realidade, (Stanton, 1994). Os entrevistados referem apenas, no total, o conhecimento de cinco tipos de equipas especializadas integradas nas Forças Armadas e de Segurança na execução das operações em estudo, (Mendes Ferrão, 2013).

4.2.5 – Apresentação e análise da Questão nº 5

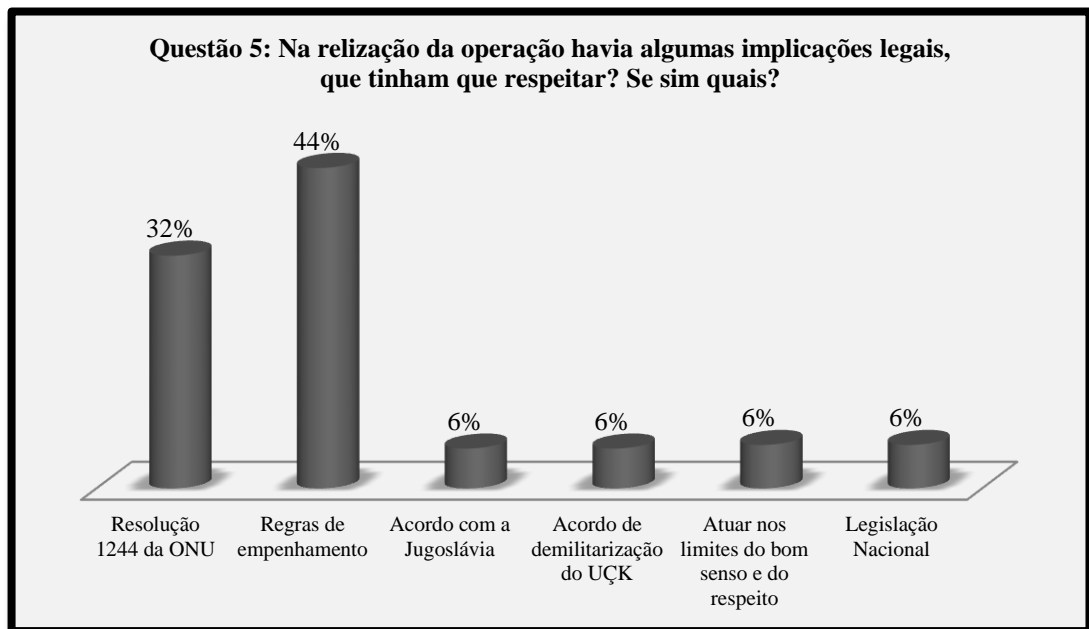


Gráfico 5 – Implicações legais a ter em conta na condução de operações de Cerco e Busca

Quanto às implicações legais que são seguidas podemos ver no Gráfico nº 5 que as ROE, e a resolução das Nações Unidas, são os referenciais para os Comandantes, com 44% e 32% respetivamente. Com menor importância surge o acordo com a Jugoslávia e o acordo de desmilitarização do Exército de Libertação do Kosovo (ELK), a que se refere uma percentagem de 6% de resposta cada. Depois também com 6% cada, os entrevistados referem que se deve também ter atenção à Legislação Nacional e ao atuar nos limites do bom senso e do respeito.

4.2.5.1 – Discussão da Questão nº 5

As imposições que as forças seguem advém principalmente das ROE, porque a nível prático, são as regras que têm de estar sempre presentes na cabeça dos militares, definindo como e em que circunstâncias atuar, (KFOR, 2009). Por outro lado a resolução das Nações Unidas é também importante a um nível superior, e esta condiciona a organização da força. Estas bases legais eram menos visíveis nos primeiros anos da missão, onde se atuava segundo o respeito pela população, (Banazol, 2013). À medida que a missão se foi desenvolvendo, estas diretrizes foram ganhando mais visibilidade, passando a ser relevante os mandatos de cada força, estabelecendo as suas permissões para atuar, (Mendes Ferrão, 2013). Assim, passou a integrar-se as Forças de Segurança nas FA, para fazer detenções, para poder entrar em habitações, de modo a estar sustentado por uma base legal, e para ter uma maior aceitação das operações por parte da população, (Gonçalves, 2013).

4.2.6 – Apresentação e análise da Questão nº 6

Quadro 3 – Treino desenvolvido no aprontamento e no teatro na tarefa de Cerco e Busca

Q6 – Durante o aprontamento para a missão foi uma preocupação treinar a condução de operações de Cerco e Busca? Já no teatro continuaram a realizar treinos para esta tarefa ou não seria uma prioridade?												
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	%
Treino durante o aprontamento	X	X		X		X		X	X		X	64%
Treino durante o aprontamento e também no teatro			X		X							18%
Treino combinado durante o aprontamento							X					9%
Treino combinado durante o aprontamento e treino combinado no teatro												0%
Treino durante o aprontamento e treino combinado no teatro										X		9%

Quanto ao treino podemos afirmar que 64% dos entrevistados fizeram treinos durante o aprontamento, apesar de ser de forma isolada, 18% realizaram ainda treino durante o aprontamento e também no teatro, embora apenas treino da força portuguesa. Depois 9% dos entrevistados realizaram também treino combinado durante o aprontamento, e a mesma percentagem realizou treino isolado no aprontamento e treino combinado no teatro. De referir que nenhum elemento realizou treino combinado no aprontamento e no teatro.

4.2.6.1 – Discussão da Questão nº 6

Na vertente do treino, podemos retirar que o treino a nível de aprontamento é feito apenas de forma isolada, o que é uma lacuna, pois poderia ser treinada com uma força de busca, pertencente a Forças de Segurança, que levaria ao entrosamento de diferentes modos de atuação, (Calçada, 2013). Já no teatro, como reserva tática deveriam ser conduzidos treinos com frequência neste tipo de operações, nomeadamente com Forças de Segurança multinacionais e locais. Podemos observar que são feitos alguns exercícios e que por vezes os elementos das Forças de Segurança observam o modo de operar das Forças Armadas, o que é insuficiente face às especificidades da tarefa do cerco e busca, (USArmy, 2008b).

4.2.7 – Apresentação e Análise da Questão nº 7

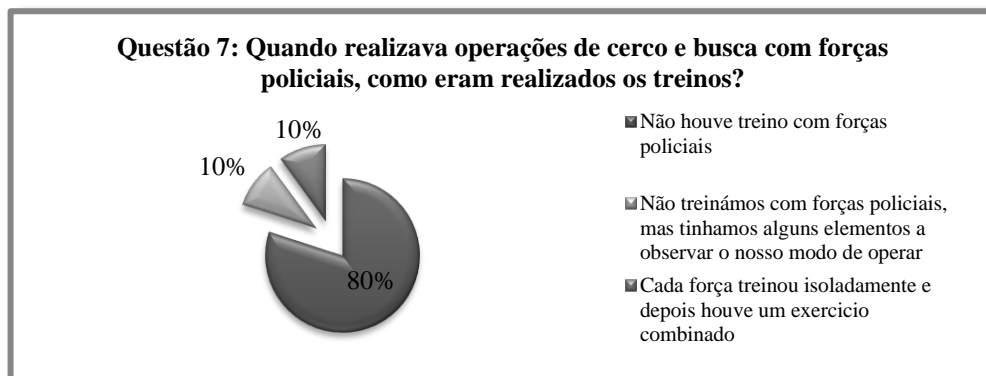


Gráfico 6 – Treino com Forças de Segurança

Dos elementos que tiveram a experiência de executar Operações de Cerco e Busca com Forças de Segurança, 80% dos questionados nunca realizou treino com essas forças. Os restantes elementos, 10% não treinou com Forças de Segurança, mas teve observadores pertencentes às entidades de Segurança a constatar como atuavam as Forças Armadas. Os outros 10% afirmam que a sua força e os elementos de Segurança realizaram os seus treinos, de forma isolada, e que foi desenvolvido um exercício combinado, onde se realizaram as tarefas treinadas por cada um dos elementos.

4.2.7.1 – Discussão da Questão nº 7

A Questão nº 7 dá a confirmação do acima descrito, pois há a falta de treino de forças combinadas, principalmente com as Forças de Segurança. Uma das missões da KTM é apoiar quando solicitado o apoio aos elementos da EULEX e da KP, e deve sempre existir um treino entre as diferentes forças para poderem estar fixadas nas suas tarefas sem ter a preocupação de como serão os procedimentos da outra força, (Sá, 2013). As Forças de Segurança devem estar cientes do modo de atuar das forças que montam os cercos para poder efetuar a busca sem preocupações, e o contrário também deve ocorrer. Podemos então verificar que apenas 10% dos elementos das forças portuguesas que atuaram com as diferentes Forças de Segurança realizaram um treino adequado, (Guerreiro da Silva, 2013).

4.2.8 – Apresentação e Análise da Questão nº 8

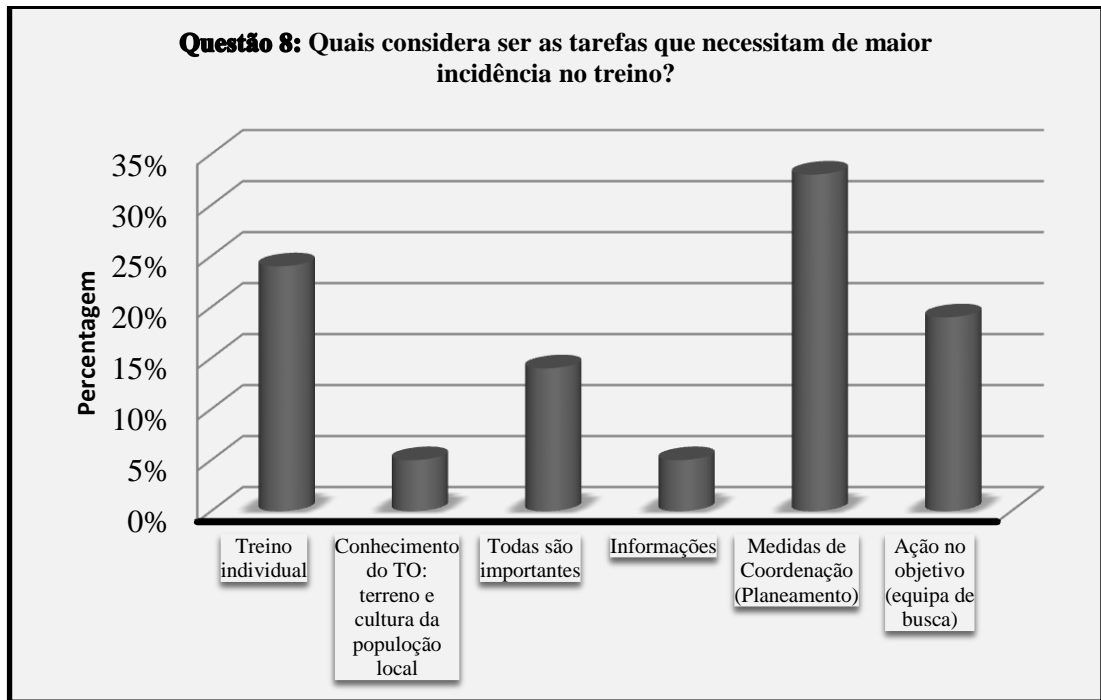


Gráfico 7 – Tarefas com necessidade de maior incidência de treino nas operações de Cerco e Busca

Aquando da pergunta de quais as tarefas essenciais a treinar, ou seja, que são consideradas as mais importantes, a resposta dada com maior expressão foi: as coordenações a fazer, ou seja, o planeamento da operação, com 33% das respostas. A seguir o treino individual também surge destacado, onde se afirma que um elemento bem treinado pode executar qualquer tarefa, expressando-se com 24%. Com 19% das respostas, é dada a importância à ação no objetivo, pois é a tarefa crítica da operação. Outros entrevistados, 14%, não destacam nenhuma tarefa como sendo essencial para ser treinada ou preparada, pois dizem que tudo é importante, perante uma operação desta complexidade. Por fim, com 5% cada, os entrevistados destacam as informações recolhidas e também o conhecimento do TO, nomeadamente o terreno e a cultura da população local.

4.2.8.1 – Discussão da Questão nº 8

A tarefa crítica neste contexto é o planeamento, pois tudo tem de ser preparado e explicado ao detalhe, sem esquecer nenhuma coordenação. Uma operação deste tipo tem de ser sequencial, dividida em partes, desde a entrada das primeiras forças em posição até à saída, com a retirada das mesmas. Todos os passos intermédios têm de ser do conhecimento geral para que se entenda o desenrolar da ação sem qualquer confusão ou ação que faça cair por terra o objetivo da missão, (Hughes e Ziek, 1995).

O treino individual, da técnica individual de combate, é também essencial pois quando um militar está preparado para as tarefas convencionais consegue adaptar-se a qualquer missão, independentemente do tipo em questão, enquanto o contrário não se verifica, (Abreu, 2013). Podemos treinar muito uma força nas operações de resposta à crise, que posteriormente não têm as condições em atuar em todo o espectro, como é essencial nos dias que correm com o tipo de missões exigidas ao Exército, (USArmy, 2008a).

Como é óbvio todas as tarefas são importantes e como referido, basta um pequeno detalhe para influenciar negativamente o processo planeado. Mas a ação da equipa de busca é certamente o ponto crítico da operação, onde se deve dar ênfase ao treino em áreas urbanizadas. Tudo o resto são contributos para o sucesso da busca, mantendo a segurança destes elementos e o auxílio para que nenhum material ou pessoal consiga a fuga, (Barham, 1994).

O conhecimento do teatro, da população e dos seus hábitos é um requisito que tem que estar sempre presente, não só na tarefa de cerco e busca, como em qualquer abordagem que seja feita à população, ou em qualquer outra operação, (NATO, s.d.).

Capítulo 5

Conclusões e Recomendações

5.1 – Introdução

Neste capítulo vamos apresentar algumas conclusões e recomendações acerca da investigação de forma a finalizar todo o processo elaborado, com vista a responder à problemática levantada. Assim, vamos então verificar as hipóteses propostas, como sendo verdadeiras ou não, responder às questões derivadas, que são a base para responder de seguida à questão central. Também vamos apresentar as limitações que foram surgindo ao longo da investigação, bem como algumas propostas e recomendações. É igualmente importante deixar descrita a possibilidade de investigações futuras na área, pois é um campo pouco estudado e que se vai verificar de forma cada vez mais constante nos tempos próximos.

5.2 – Verificação das Hipóteses de Investigação

As hipóteses levantadas no início da investigação foram as seguintes:

H1: Inicialmente num TO, no âmbito das OAP, caso que se verifica no Kosovo, atuam as Forças Armadas, vindo depois a integrar aos poucos as Forças de Segurança multinacionais. Posteriormente as Forças Locais são também integradas nas operações, com o intuito de dar autonomia ao país em causa.

H2: A organização é feita em força de cerco interior, cerco exterior, equipa de busca, reserva e escalão de comando, sendo as Forças de Segurança mais talhadas para integrar as equipas de busca.

H3: Verifica-se uma necessidade de treino elevado, de forças combinadas pois têm que existir muita interação entre as diferentes forças.

Quanto à primeira hipótese verificámos que na realidade de um teatro, neste caso do Kosovo, foi o que aconteceu e é o que se tem vindo a verificar. No início estas Operações de Cerco e Busca eram feitas todas elas pela KFOR, nomeadamente pelas Forças Armadas.

Numa fase intermédia foram executadas operações com elementos também da KFOR, mas na vertente de segurança.

Com o desenvolver da formação das forças locais estas foram crescendo e sendo integradas no cerco e busca em detrimento das FA. As Operações de Cerco e Busca que se preveem serão executadas pela EULEX e pela KP, recorrendo apenas à KFOR quando estas são mais complexas ou de maior envergadura. Assim, o que se deseja verificar no futuro é a execução autónoma por parte das forças locais destas operações, com supervisão, e reforço se necessário, por parte dos forças militares.

Quanto à segunda hipótese de investigação, podemos afirmar que a organização usada é a descrita nos manuais de referência, por isso esta torna-se válida. Verifica-se assim, de forma concordante entre a teoria e prática, que uma força que execute cerco e busca, seja qual for o escalão e o tipo de forças que integre, é organizada sempre da mesma forma. As pequenas divergências são: se existe um ou dois cercos ao objetivo, e esta opção é tomada mediante o terreno e o nível de ameaça. Assim, é de destacar que a organização é: em força(s) de cerco, elementos de busca, com diversas equipas necessárias, reserva e por fim os elementos de comando.

A terceira hipótese de investigação também se confirma como verdadeira, ficou demonstrado que o treino entre FA e Forças de Segurança é quase nulo. Pudemos verificar alguma incidência de operações combinadas entre ambos, sem qualquer relato de incidentes ou outros problemas. Mas devemos olhar que o TO do Kosovo já não está com o nível da ameaça de outrora, pois quando esta era de maior intensidade eram apenas as FA que atuavam. Assim, para evitar qualquer dissabor o treino das forças que executam operações combinadas deve ser mais intenso e numeroso, tentando representar o que irá acontecer.

5.3 – Resposta às Questões Derivadas

As questões derivadas a que nos propomos responder e enformar uma resposta inequívoca à questão central são as seguintes:

Em que contexto atuam, as Forças Armadas e as Forças de Segurança, isoladamente ou em conjunto, numa Operação de Cerco e Busca?

Podemos dar resposta a esta questão dizendo que as FA numa OAP executam as Operações de Cerco e Busca isoladamente, quando as forças locais não têm ainda capacidade nem autonomia para tal. Quando esta premissa se verifica começam a executar este tipo de operações de forma combinada, sempre com o objetivo de ir reduzindo as tarefas das FA em detrimento das Forças de Segurança, sendo um processo progressivo.

Como se organizam as Força Armadas e/ou uma Força de Segurança numa Operação de Cerco e Busca?

As forças numa Operação de Cerco e Busca, em qualquer escalão e independentemente das forças que integram, organizam-se da mesma forma. Constituem-se a(s) equipa(s) de cerco, de busca, a reserva e o comando. Quando uma força atua de forma isolada tem todas estas tarefas a executar, sendo que quando as Forças Armadas integram Forças de Segurança na sua organização, estas normalmente efetuam os procedimentos da busca. Isto explica-se pela vertente mais especializada das Forças de Segurança no combate em áreas edificadas, bem como o processamento de detenções.

Quais as necessidades de treino das Forças Armadas e/ou das Forças de Segurança para a realização de uma Operação de Cerco e Busca?

As necessidades de treino tornam-se então elevadas, sendo que o ideal é cada força treinar os procedimentos a executar, de forma isolada, e depois integrar todas as forças em exercícios combinados. Podemos ver que não é o que acontece na realidade, pois foram raras as interações, a nível de treino que se verificaram. Assim, torna-se imperioso que as Forças Armadas treinem não só as tarefas que normalmente lhe são atribuídas, mas que estejam prontas a operar em todo o espetro. No caso das Forças Armadas, o treino individual e em combate em áreas urbanizadas ganham preponderância como tarefas isoladas. Depois em força combinada treinar o processo de integração das forças, com um planeamento detalhado com todas as fases da operação bem coordenadas.

5.4 – Resposta à Questão Central

“Face ao atual Ambiente Operacional que implicações ao nível da Organização e Treino enfrentam as Forças Armadas, ao atuar com Forças de Segurança, na condução de Operações de Cerco e Busca?”

A resposta a esta questão anteriormente referida é simples. Depois de responder às questões derivadas, podemos afirmar que as implicações ao nível da organização das Forças Armadas ao atuar com Forças de Segurança são apenas, deixar que elas executem as tarefas para que estão talhadas e mandatadas, neste caso a tarefa crítica, a busca.

Quanto ao treino as implicações necessárias são sem dúvida a maior incidência de treino combinado entre este tipo de forças. Este treino tem que integrar todas as componentes desde o planeamento até à execução, passando por todas as coordenações a efetuar e pelo conhecimento da outra força.

5.5 – Limitações à Investigação

Uma limitação que tem que ser referida é a falta de modelos de treino no cerco e busca, bem como a falta de informação sobre a interação feita entre as Forças Armadas e Forças de Segurança. Esta interação é um tema pouco abordado, e as referências encontradas, são generalistas e apenas indicam os deveres que um tipo de força tem para com a outra. A falta de tempo também não permitiu recolher mais informações junto de outros intervenientes no TO descrito, ou mesmo uma comparação com a realidade de outros teatros.

5.6 – Propostas e Recomendações

A tarefa de cerco e busca é uma das mais comuns em operações de estabilização, no entanto, não se apresenta como sendo uma tarefa fácil de treinar e executar. Por isso deve-se por esta tarefa ao mesmo nível de outras como *Check Points*, *CRC (Crowd Riot Control)*, ou mesmo Patrulhas. Até porque de qualquer uma das tarefas enunciadas pode decorrer um posterior cerco e busca. Todas elas se baseiam num enquadramento legal, mas

o cerco e busca tem um vasto número de tarefas associadas, algumas delas bastante técnicas, como é o caso da revista a habitações.

De uma forma geral, as unidades não estão rotinadas a executar este tipo de operações, por isso deveria existir um modelo de treino que prepare as forças para executar o cerco e busca de uma forma mais detalhada. Todo o treino deve estar enquadrado, em particular pelas considerações legais implicadas e ser progressivo. Por isso, deve treinar-se esta tarefa antes de se ser destacado numa FND (Força Nacional Destacada), e continuar esta preparação aquando da presença no teatro.

Também devemos neste treino coordenar ou mesmo integrar com as restantes forças, quer de Segurança, quer FA de outros países, que tenham a possibilidade de atuar de forma combinada com as nossas forças. Fica então o desafio de aumentar a proficiência nesta tarefa que por vezes, segundo as leituras feitas, as várias entrevistas e conversas acerca do assunto, parece esquecida.

5.7 – Investigações Futuras

Existem algumas áreas que poderão ser detalhadas em investigações futuras, para que as envolvências deste tipo de operações sejam compreendidas.

As próprias implicações legais que orientam a condução destas operações no TO podem ser aprofundadas. Um estudo das ROE usadas pelas forças que passam no teatro, e do Mandato da ONU, que estipula as tarefas a executar.

Também a atuação das Forças de Segurança locais podem constituir-se como uma temática interessante a estudar, comparativamente com Forças de Segurança que já operam autonomamente, de países que não têm a integração de qualquer ator.

Referências Bibliográficas

- 1º BIMec., (s.d.). Agrupamento Mecanizado NRF12 - Preparação para a Certificação. *A Certificação de AgrMec/NRF 12 - Reflexões e Lições Aprendidas*.
- Assis, R., (2009). Antecedentes de um conflito. *O Mecanizado*.
- Baillergeon, R., Sutherland, J. (2008). *Cordon and Search Operation*. Retirado: Fevereiro, 4, 2013, de <http://www.armchairgeneral.com/tactics-101-026-cordon-and-search-operations.htm>.
- Bardin, L. (2003). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barham, B., (1994). Cordon and Search: An operations other than war (OOTW) Task for infantry battalion. *School of Advanced Military Studie, US Army, Command and General Staff College, Fort Leavenworth, Kansas*.
- Barroso, L. (2009). *Da Guerra: Lições de Conflitos Armados*. Retirado: Fevereiro, 16, 2013, de <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=365>.
- Benson, K., Weber, J. (2012). *Full Spectrum in the Homeland: A Vision of the future*. *Small Wars Journal*. Retirado: Março, 22, 2013, de <http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/full-spectrum-operations-in-the-homeland-a-%E2%80%9Cvision%E2%80%9D-of-the-future>.
- BrigMec. (2010). *Caraterização do TO do KOSOVO*. Santa Margarida.
- Canada Army (2007). *Dispatches, Lessons Learned for soldiers, Cordon and Search Operations*. The Army Lessons Learned Centre, Canada.
- Capote, A. (2011). Operações de Cerco e Busca. *Revista Azimute Vol. 192- Dec11*.
- Carlos Gil, A. (1999). *Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas.
- Carmo, H., e Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CEME. (2010). Directiva N° 194/CEME/10. Lisboa: Estado Maior do Exército.
- Clausewitz, C., (1984). *On War*, Ed. & Transl. by Michael Howard and Peter Paret (1976), NJ: Princeton University Press (Indexed Edition).
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina, S. A.

-
- Davila, D. (2010). Operation Pitchfork – An Armor Company Team Cordon and Search. *ALSB – Air Land Sea Bulletin – Cordon and Search Vol. 2010-3*.
 - Dorff, R.,(1996). *Democratization and Failed States: The Chaleng of Ungovernability*. Parameters, Summer.
 - Escola Prática de Infantaria. (2008). *Manual de Operações de Apoio à Paz - Táticas, Técnicas Procedimentos*. Mafra: Exército Português.
 - Exército (1963a). *O Exército na Guerra Subversiva – I Generalidades*. Ministério do Exército, Lisboa.
 - Exército (1963b). *O Exército na Guerra Subversiva – II Operações Contra Bandos Armados e Guerrilhas*. Ministério do Exército, Lisboa.
 - Exército (1963c). *O Exército na Guerra Subversiva – IV Apoio às Autoridades Civis*. Ministério do Exército, Lisboa.
 - Exército (2010). *PDE 0-18-00 Abreviaturas Militares*. Lisboa: Estado-Maior do Exército.
 - Exército (2011a). *PDE 3-07-14 Manual em Combate em Área Edificadas*. Lisboa: Estado-Maior do Exército.
 - Exército (2011b). *PDE 3-65-00 Operações de Apoio à Paz – Táticas, Técnicas e Procedimentos*. Lisboa: Estado-Maior do Exército.
 - Exército (2012). *PDE 3-00 Operações*. Lisboa: Estado-Maior do Exército.
 - Fernandes, L. (2010). DOE14, Módulo de Apoio/KTM. *O Mecanizado*.
 - Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor - Projectos e Edições.
 - Freire, M. (2001). Técnicas e Procedimentos Operacionais no Kosovo III.
 - Freire, M. (2012). *Kosovo: As operações de Cerco e Busca*. Retirado: Fevereiro, 2, 2013, de <http://www.operacional.pt/kosovo-as-operacoes-de-cerco-e-busca/>.
 - Gibbs, D. N. (2009). *First do no harm : Humanitarian Intervention and the destruction of yugoslavia*. Nashville, Tennessee 37235: Vanderbilt University Press.
 - Gray, C., (2005). *How Has War Changed from Cold War?*. Parameters, Spring.
 - Greaves, J. (2010). *Inner Cordon As The Decisive Effort*. *ALSB – Air Land Sea Bulletin – Cordon and Search Vol. 2010-3*.
 - Guarda Nacional Republicana (1997). *Manual de Operações, Volume II*. Lisboa: CEGRAF.
 - Hughes, C., Ziek, T. (1995). *Cordon and Search Operations*. Professional Forum Infantry.
 - KFOR, (2009).ROE KFOR. Pristina.

-
- Manzini, J. (2004). *Entrevista: definição e classificação*. Unesp.
 - Martinho, F. (2009). *O Kosovo, Produto da Desintegração da Jugoslávia*. O Mecanizado.
 - NATO (2009 a). *Allied Joint Publication (AJP) 3.2- Allied Joint Doctrine for Land Operations*.
 - NATO (2009 b). *Allied Joint Publication -3.4 Non-Article 5 Crisis Response Operations*.
 - NATO (2010). *ATP-3.2.1.1 Guidance for the Conduct of Tactical Stability Activities and Tasks*.
 - NATO (2011). *Allied Joint Publication -3.4.4 Allied Joint Doctrine for Counterinsurgency (COIN)*.
 - NATO (s.d.). *Enabling Cultural Adaptability*. Retirado: Julho, 22, 2013, de <http://ftp.rta.nato.int/Public/PubFullText/RTO/MP/RTO-MP-HFM-124/MP-HFM-124-12.pdf>.
 - NEP 520 Trabalho de Investigação Aplicada, (2013). Academia Militar.
 - Pires, N. (2011). *Cartas de Cabul, O Afeganistão vivido por um Soldado Português*. Lisboa: Tribuna da História.
 - Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5.ª ed.). Lisboa: Gradiva.
 - Reflexões de Experiência Feita 1ºBIMec/BrigMec/NRF5, (2004).
 - Rhymer, P., Danielsen, E. (2010). *Civilian Casualty*. ALSB – Air Land Sea Bulletin – Cordon and Search Vol. 2010-3.
 - Ried, B., (1998). *Holden Enduring Patterns in Modern Warfare, in The Nature of Future Conflict: Implications for Force Development*. Camberley (UK): Strategic Studies Institute.
 - Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
 - Stanton, M. (1994). *Cordon and Search, Lessons Learned in Somália*. *Infantry Magazine*.
 - Steed, B. (2003). *Armed Conflict – The lessons of Modern Warfare*. NY: Ballantine Books.
 - Sutherland, J., Baillergeon, R., e Mckane, T. (2010). *Cordon and Search Operations*. ALSB – Air Land Sea Bulletin – Cordon and Search Vol. 2010-3.
 - Telo, J., Lemos Pires, N. (2013). *Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação*. Cascais: Tribuna.

- Tuckman, B. (2002). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- US Army. (2002). *Field Manual 3-06.11 Combined Arms Operations in Urban Terrain*. Washington DC: Headquarters Department of the Army.
- US Army. (2008a). *Field Manual 7-0 Training for Full Spectrum Operations*. Washington, DC: Department of the Army.
- US Army. (2006). *Field Manual 3-06.20 Cordon and Search*. Air Land Sea Application Center.
- US Army, (2008b). *Field Manual 3-0 Operations*. Washington, DC: Department of the Army.

Entrevistas:

- Abreu. (2013) - Entrevista
- Banazol. (2013) – Entrevista
- Calçada. (2013) – Entrevista
- Gonçalves. (2013) - Entrevista
- Marques. (2013) - Entrevista
- Mendes Ferrão. (2013) - Entrevista
- Rodrigues. (2013) - Entrevista
- Sá. (2013) - Entrevista

Apêndices

Apêndice A – Operação de Cerco e Busca no Exercício SLIM LINES

Entre os dias 24 e 28 de junho de 2013 integrámos o Exercício SLIM LINES, da BRAVO COY, no aprontamento para o TO do Kosovo. Esta oportunidade surgiu com o Estágio em Contexto Operacional (ECO), no caso no Regimento de Infantaria (RI) 14 - Viseu.

Durante este exercício acompanhámos os Comandantes de Pelotão nas suas tarefas, como meros observadores. Numa reunião noturna da Companhia, o Comandante de Companhia dá a instrução aos seus Comandantes de Pelotão que no dia seguinte iriam executar uma Operação de Cerco e Busca.

Desde logo começou o planeamento, neste caso o Pelotão que integrámos participou no cerco interior ao objetivo enquanto outro Pelotão da nossa Companhia executou a busca. Assim tivemos a oportunidade de ver de perto as dificuldades sentidas, a divisão dos escassos meios e de tomar consciência da quantidade de pormenores que são necessários ser planeados para o sucesso da operação.

No dia da operação todas as viaturas a ser preparadas e todas as equipas a ser divididas, de seguida a ordem de operações e toda a preparação de material. Todo este processo foi fascinante. Partimos depois para a operação e estabelecemos o cerco interior barrando todos os itinerários que abordavam uma casa que tinha insurgentes no seu interior.

Não tivemos a oportunidade de visualizar a ação das forças de busca mas depois da operação na revisão após ação soubemos que correu tudo muito bem, com todo o material e pessoal a ser capturado. Apenas um elemento insurgente conseguiu escapar, mas foi rapidamente intercetado pelas nossas forças, que estabeleciam o cerco interior. A operação foi então realizada com sucesso e constituiu-se como uma mais-valia para este trabalho, pois pudemos observar realmente as dificuldades, e se os conceitos teóricos se verificam de facto a nível prático.

Apêndice B - Guião de Entrevista**ACADEMIA MILITAR**
Trabalho de Investigação Aplicada**ENTREVISTA****Blocos temáticos:****Bloco A – Apresentação****Bloco B – Dados sobre as Operações de Cerco e Busca****Bloco C – Organização da Força****Bloco D – Necessidades de Treino****Bloco A:**

Esta entrevista está inserida no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, incluído no Tirocínio para Oficial de Infantaria da Academia Militar, subordinado ao tema “A interação entre Forças Armadas e Forças de Segurança, nas Operações de Cerco e Busca: Implicações ao Nível do Treino e Organização”.

Uma das Operações que se tornou frequente nos dias que correm são as operações de Cerco e Busca, que se verificam nos diversos Teatros de Operações. Um desses teatros é o Kosovo, onde foram realizadas estas operações.

A questão central deste trabalho é: “Face ao atual Ambiente Operacional, que implicações ao nível da Organização e Treino enfrentam as Forças Armadas ao atuar com Forças de Segurança, na condução de Operações de Cerco e Busca?” Daqui advém, que o objetivo geral desta investigação seja caracterizar a interação entre Forças Armadas e Forças de Segurança nas Operações de Cerco e Busca. Como meio de obter resposta à questão de partida e chegar ao objetivo do trabalho, esta investigação tem como metas específicas, caracterizar o contexto de atuação das Forças Armadas e de Segurança, identificar como se organizam as forças que fazem este tipo de operações, e ainda, indicar quais as

necessidades de treino para que a força se encontre capaz de realizar uma operação desta natureza.

Entrevistador: Aspirante Oficial Infantaria Rafael José Batista Massano

Pedir para gravar a entrevista.

Entrevistado:

Posto: _____ **Nome:** _____

Função: _____ **Unidade:** _____

Data: ___/___/___ **Hora:** ___ h **Local:** _____

Pedir um resumo da carreira do Oficial

Bloco B:

1. Nas operações de Cerco e Busca que testemunhou/comandou, a força executou a operação de forma isolada ou com Forças de Segurança? Quais?
2. Qual a forma de atuação das Forças Armadas nas operações de Cerco e Busca? Quais as tarefas que desempenhavam?

Bloco C:

3. Com o conhecimento das diversas equipas que se constituem para conduzir uma operação de Cerco e Busca, como se organizava a força para executar este tipo de operações? Quer isoladamente quer em conjunto com outras forças.
4. Normalmente, quais as tarefas e que equipas integravam as Forças Armadas que desempenhavam as operações de Cerco e Busca? E as Forças de Segurança ou outras forças?
5. Na realização da operação havia algumas implicações legais, que tinham que respeitar? Se sim quais? E que consequências tinham na condução da operação e na organização da força?

Bloco D:

6. Durante o aprontamento para a missão foi uma preocupação treinar a condução de operações de Cerco e Busca? Já no teatro continuaram a realizar treinos para esta tarefa ou não seria uma prioridade?

7. Quando realizava operações de Cerco e Busca com Forças de Segurança, como eram realizados os treinos? Cada força realizava treinos das tarefas que iria executar, ou eram treinos conjuntos, de força completa?

8. Quais considera ser as tarefas que necessitam de maior incidência de treino? Da experiência na condução das operações, que ensinamentos retira como necessidades de treino?

Obrigado pela sua colaboração.

Rafael Massano

Asp Of AI INF

Apêndice C – Resumo da Entrevista 1

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	“ De forma isolada. A Guarda Civil espanhola recebia os detidos e apenas isso. ”
2	“ A força (Agrupamento ou Esquadrão) era organizada em: força de cerco; força de busca e revista; reserva e escalão de comando. A força portuguesa participava em todas as tarefas. ”
3	“ Houve operações em que aos dois esquadrões era atribuído um sector e em cada um desses setores o esquadrão respetivo atuava como acima descrito. ”
4	“ A força de cerco impedia o acesso e a fuga da área a revistar; a força de busca era organizada em equipas de quatro elementos (uma esquadra) que revistava um certo número de casas. Nunca houve Forças de Segurança envolvidas. ”
5	“ A minha experiência ocorreu no início da operação da NATO. As implicações legais eram as decorrentes das Regras de Empenhamento, do Acordo de Desmilitarização do ELK, do Acordo com a Jugoslávia e da Resolução 1244 da ONU. Não havia grandes consequências para as operações nem para a organização da força. ”
6	“ Durante o aprontamento sim. Durante a operação só até se fazer a 1ª (o Agrupamento BRAVO foi o primeiro a dar o exemplo e depois com o êxito obtido foi “copiado” por toda a gente até se tornar uma forma de atuação da KFOR) a 15 OUT 1999. ”
7	Não aplicável
8	“ A grande preocupação deverá ser a do treino individual. Neste particular tem grande importância o conhecimento das particularidades e costumes (também das “manhas”) das gentes que habitam o TO. Para além disso a forma “tática” de atuar é muito semelhante à das operações de reconhecimento e segurança. (designadamente reconhecimento e segurança de área) ”

Apêndice D – Resumo da Entrevista 2

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	“ As Operações de Cerco e Busca executadas pelo Agrupamento DELTA, durante a sua permanência no TO do Kosovo como Agrupamento Tático (<i>Task Force Pegasus</i>) integrado numa Brigada Multinacional de comando italiano, foram executadas sem a presença/colaboração de Forças de Segurança. ”
2	“ O padrão de atuação das Forças Armadas era executar todas as tarefas referentes ao cerco e busca, pois como já referi executámos estas operações de forma isolada. ”
3	“ A organização da força para a Operação de Cerco e Busca era sempre com uma reserva, comando, as equipas de cerco interior e exterior e a equipa de busca. ”
4	“ Para além do atrás referido, havia sempre militares femininas portuguesas para revista corporal (apalpadeiras). Frequentemente militares italianos especialistas em inativação de engenhos explosivos. ”
5	“ Durante a permanência no TO do Kosovo não existia (ou pelo menos não o sentíamos) um edifício/sistema legislativo/judicial. Atuámos dentro dos limites do bom senso e do respeito pelas gentes. Isto não invalida que tivéssemos invadido propriedade privada e privado de liberdade, durante curtos períodos de tempo, cidadãos locais. O nosso mandato, assim o entendi, era o exposto na resolução da ONU. ”
6	“ Estas operações foram alvo de treino durante a fase de aprontamento. No TO não houve propriamente treino, mas sim a reflexão sobre aspetos menos adequados e a sua introdução de correções/alterações em ocasiões seguintes. ”
7	Não aplicável
8	“ Para além do domínio das várias técnicas, quer individuais quer coletivas (observar/relatar/progredir/conduzir em segurança/....) que reputo como elementares e indispensáveis a qualquer combatente, retenho como muito importante, deve existir um conhecimento da realidade do TO: terreno, cultura e tradição das gentes locais. ”

Apêndice E – Resumo da Entrevista 3

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	“ As Operações de Cerco e Busca executadas foram com forças combinadas, com o Batalhão português, uma Companhia inglesa e uma Companhia sueca e ainda Forças de Segurança da UNMIK. ”
2	“ A Companhia inglesa recolhia informação, que permitia identificar a localização do alvo, e ainda montava o perímetro afastado de segurança. A força portuguesa fazia o cerco interior, enquanto a Companhia sueca se constituía como equipa de busca. ”
3	“ As equipas especializadas eram os ingleses na busca de informação, o nosso módulo de operações especiais, que mantinha o alvo sob vigilância antes da operação se iniciar. Os suecos, na equipa de busca, tinham as equipas de cães de Busca, equipas de deteção de explosivos e de detetores de metais. Estes tinham uma técnica apurada onde revistavam tudo e registavam o encontrado.”
4	“ As Forças de Segurança entravam na(s) casa(s) e faziam a detenção dos indivíduos. Depois entrava a Companhia sueca para fazer a busca de documentação e de outros indícios criminosos, pois era a única força com base legal para efetuar a busca. ”
5	“ A resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas para a missão, de onde saem os mandatos de captura pelo tribunal penal internacional de Haia. Hoje as coisas são muito mais complexas, já havia uma autoridade provisória do Kosovo, já não se pode fazer tudo à vontade sem estar protegido pela lei. (...) Nunca podemos esquecer as ROE obviamente. ”
6	“ Treinámos Operações de Cerco e Busca com frequência, inclusive a detenção e algumas buscas sumárias, porque o Exército não tem nem doutrina nem saber, nem meios para realizar o tipo de buscas que a Companhia sueca fazia. Treinámos o cerco e busca para o executarmos de forma isolada, depois com as várias forças complicou-se. No teatro também realizámos treinos de modo a manter a proficiência da força, mas tal como no aprontamento de forma isolada, apenas com o nosso Batalhão. ”
7	“ Os treinos foram todos realizados de forma isolada, apenas com a força portuguesa. ”
8	“ São todas importantes. Quando se faz o plano de treinos identificamos as

tarefas críticas e hierarquizamos estas tarefas e incidimos mais nas que estamos pior. Mas nenhuma é mais importante que as outras, pois temos que estar preparados para tudo. ”

Apêndice F – Resumo da Entrevista 4

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	<p>“ Executámos várias Operações de Cerco e Busca. Trabalhámos com todas as forças e em todo o território do Kosovo, até porque a KTM é a reserva e tínhamos que conhecer todas as forças e executar operações com todas elas. (...) Em tarefa de cerco e busca executámos só a força portuguesa, com elementos de Forças Armadas alemãs e também com as Forças de Segurança da MSU, pertencentes à KFOR, que também levavam a polícia local ao cargo das nações unidas. Também participei num género de cerco e busca que chamávamos “cages” onde cortávamos um itinerário e todos os seus acessos e saídas e passávamos tudo a pente fino. Por vezes check points passavam a Operações de Cerco e Busca à casa da pessoa onde era descoberto alguma coisa. ”</p>
2	<p>“ As Forças Armadas tinham todas as tarefas. Tivemos missões só de cerco, outras onde fizemos apenas o isolamento dos principais itinerários, outras onde realizámos todas as tarefas de Operações de Cerco e Busca. (...) Por isso o padrão de atuação do Batalhão português ia desde realizar apenas uma tarefa a executar toda a operação. ”</p>
3	<p>“ O efetivo pode ser um Pelotão, uma Companhia, um Batalhão, mas a organização é igual, com efetivos diferentes em cada área. A organização é sempre igual. (...) Há a força de cerco exterior, de cerco interior e a força de busca, também existe uma reserva e o comando. As primeiras para isolar a área e a força de busca que pode ser apenas varrer uma aldeia, ou pode ser mesmo passar revista minuciosa de casa em casa. Claro que esta organização depende da missão e do alvo (...). ”</p>
4	<p>“ Integrados na nossa força a equipa adicional foi a equipa de operações especiais que nos dava informações oportunas para operações futuras. Mantinham o alvo sob vigilância, e permitiam o isolamento do objetivo em caso de fuga. Também montavam alguns Postos de Observação (PO’s), ou alguns infiltravam elementos na população. Os intérpretes também os podemos considerar como uma equipa adicional. ”</p>
5	<p>“ No caso de guerra ou de operações de apoio à paz a atribuição da legislação é diferente. Aqui a organização que está presente no Teatro quer seja NATO, ONU, UE deve dar as diretivas de como atuar, como do armamento a usar,</p>

-
-
- etc. As implicações legais são as ROE claro, mas também temos que respeitar os mandatos da organização que representamos. Na altura o mandato já não permitia que a MSU fizesse detenções, tinham que ser acompanhados pela polícia. (...)”
- 6 “ No aprontamento treinámos todo o tipo de missões, mais dado à parte do CRC, mas também treinámos cerco e busca. No teatro continuámos a treinar, com todas as forças porque éramos a reserva tática. (...) Mas cerco e busca especificamente no teatro não. ”
- 7 “ Cerco e busca apenas de forma isolada. ”
- 8 “ São todas. Quem vai fazer a ação no objetivo tem que saber tirar partido das informações e depois treinar as tarefas específicas (...) e tem que haver muita coordenação. (...) Também as coordenações entre os vários elementos da organização da força, sabendo que a ação no objetivo é mais crítica. ”

Apêndice G – Resumo da Entrevista 5

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	“ No Kosovo, a força que comandi efetuei diversas Operações de Cerco e Busca. Integrámos nestas operações elementos da EULEX que tinham elementos da força de segurança do Kosovo. ”
2	“ A força portuguesa tinha a tarefa de efetuar o cerco (isolamento da localidade e detenção de insurgentes em fuga) e acompanhamento das equipas de busca. ”
3	“ As Forças de Segurança da KP só eram informadas da operação que íamos efetuar nessa altura, por forma a garantir que não existissem fugas de informação que inutilizasse o objetivo da operação. A primeira unidade a posicionar-se era responsável pelo cerco, assim que todas as equipas de segurança e detenção estavam posicionadas, iniciava-se a busca com a força da EULEX e KP. O fator surpresa era essencial (...) para o sucesso da operação. (...) ”
4	“ Na nossa força apenas elementos das operações especiais. ”
5	“ (...) Não podemos manchar a nossa atuação perante a população. Muito importante também, era o cuidado em registar todos os detidos e solicitar recibos da entrega dos detidos, quando da sua entrega a outras entidades. ”
6	“ Durante o aprontamento foram efetuados treinos da condução deste tipo de operações, com maior ênfase para a busca, a qual depois no teatro se veio a constatar ser uma tarefa normalmente atribuída às Forças de Segurança. No teatro, o treino foi orientado para a condução das operações a realizar, dando-se uma especial atenção às características do terreno e dos insurgentes dessa região específica. ”
7	“ Nunca realizei treinos com qualquer outro tipo de força. ”
8	“ (...) Ajustar o treino o mais próximo possível do que irão encontrar no Teatro de Operações. Continuo a achar que as equipas de busca são as que necessitam de mais treino, no entanto a coordenação entre a força que efetua a busca e o cerco é essencial para evitar a fuga dos elementos a deter e como tal para o sucesso da operação. ”

Apêndice H – Resumo da Entrevista 6

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	<p>“ As Operações de Cerco e Busca que o Agrupamento MIKE realizou foram em termos de exercício, antes de partir para o teatro. Já no teatro também fizemos várias operações deste tipo e de várias tipologias. (...) Executámos operações de cordon and search de Companhia, e depois de Agrupamento. As forças com que executámos estas operações e que ainda tivemos alguma formação, principalmente em CRC. Também interagimos em exercícios e mesmo em operações, como Forças combinadas, com elementos da Kosovo Police e da EULEX. Destaco uma grande Operação de Cerco e Busca com a KP, onde participámos como Agrupamento e também participou o módulo de operações especiais, porque eu não quis envolver nenhuma outra força. ”</p>
2	<p>“ Neste caso nós executámos todas as tarefas que se executam nas Operações de Cerco e Busca, executámos cercos, buscas acompanhadas com a Kosovo Police onde revistámos casa a casa, ou varriámos um área até chegar ao objetivo. (...) ”</p>
3	<p>“ A força organizava-se com um cerco que executava a segurança afastada, que fechava os itinerários de acesso, depois havia a equipa de busca e a reserva. ”</p>
4	<p>“ A única equipa especializada que utilizei foram o módulo de operações especiais. (...) Na parte da busca apenas misturámos os nossos homens com os da Kosovo Police e fazíamos a revista às habitações. Outras equipas que estavam presentes eram a equipa sanitária e a equipa sniper. ”</p>
5	<p>“ Era importante, para essas implicações chamarmos a polícia, para posteriores detenções. Para nós estava pré-definido que éramos o 4º elemento de intervenção, onde os primeiros era a Kosovo Police, a seguir deveria ser a Multinational Task Force que estava na área, depois a MSU, e depois nós. Esta hierarquia está definida no mandato para a missão, mas por vezes não era respeitada e éramos os primeiros a ser chamados, mas chamávamos a Kosovo Police. (...) Tínhamos sempre atenção às ROE obviamente, sempre com a comodidade do uso da força. ”</p>
6	<p>“ Sim no aprontamento executámos muito treino, a nível de Companhia e de Agrupamento, de <i>cordon and search</i>. (...) Correu bem este treino e a força estava completamente pronta para operar em todo o espectro, com alguma</p>

	limitação principalmente de material. No teatro treinámos mais CRC com outras forças, nomeadamente com a EULEX e com a KP. Quanto a cerco e busca não se treinou esta tarefa, apenas executámos. ”
7	“ Não realizámos mais treinos nem de forma isolada nem integrado com outras forças no âmbito do cerco e busca. No CRC sim executámos exercícios com outras forças multinacionais, com a KP, com a MSU e com a EULEX. ”
8	“ A parte da busca é importantíssima, porque é o momento crítico. Mas neste ambiente de forças combinadas o entrosamento de forças é essencial, porque num ambiente multinacional cada força tem o seu modo de operar e têm que ser feitas inúmeras adaptações. ”

Apêndice I – Resumo da Entrevista 7

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	“ Sim, efetuei várias Operações de Cerco e Busca, na sua maioria com Forças da MSU e estas eram acompanhadas pela Kosovo Police. ”
2	“ Nas operações de <i>cordon and search</i> o Batalhão português apenas realizou a parte do cerco. (...) Um cerco externo e um cerco interior para proteger as Forças da MSU e da Força de Segurança local que efetuavam a busca. ”
3	“ A organização é a comum, o comando, o cerco que pode ser rígido ou mais permeável e depois a equipa de busca. Não esquecer que deve haver reserva, mediante a ameaça, o que permite flexibilidade. ”
4	“ Equipas específicas era apenas a MSU e equipas com cães de busca, elementos de deteção de explosivos e equipas de detenção. Na nossa força apenas o módulo de operações especiais era a equipa específica, que nos dava várias informações e suspeitas de ameaças. ”
5	“ São as mesmas de sempre, ROE, para saber como e em que situações atuar. ”
6	“ A nível de treino efetuámos no aprontamento o treino para este tipo de missão, num exercício com forças espanholas. (...) No teatro realizámos treino com várias forças como as da EULEX, mas noutros âmbitos. ”
7	“ No teatro não treinámos cerco e busca, e nos treinos feitos, apenas interagimos com a EULEX. Também tivemos alguns monitores da Kosovo Police e da EULEX a ver alguns treinos para verificar a nossa maneira de operar. ”
8	“ Em termos de necessidade de treino para as Operações de Cerco e Busca tem muito a ver com a montagem de uma posição defensiva. O Batalhão tem um conceito muito firme de como se fecha uma área tendo atenção à complexidade destas operações. Ter muita atenção ao combate em áreas urbanizadas, e todos os homens têm que ter uma técnica individual de combate muito rigorosa. O jogo ao mais baixo escalão é que faz a diferença, pois deve haver muita coordenação e ter os homens no expoente da sua confiança. Um ponto essencial são as linhas de fase da ação e todo o desenrolar da operação tem que ser planeado ao pormenor onde as coordenações não podem falhar. O cerco é um ponto simples, a busca é mais crítica, mas tudo tem que ser faseado, onde os meios de comunicação são essenciais para integrar todo o desenrolar da operação. ”

Apêndice J – Resumo da Entrevista 8

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	“ Executámos apenas uma Operação de Cerco e Busca e foi com as Forças de Segurança, isto porque, tem já muito a ver para o que as forças estão mandatadas para fazer. A FND portuguesa, na sua missão, não prevê que faça revistas a casas. Neste caso fiz essa operação com a EULEX, que integrava apenas alguns elementos da KP, que fizeram a parte policial da operação. ”
2	“ As Forças Armadas fizeram a parte do cerco, isolamento da área, proteção Às Forças de Segurança e como força de distração, e também fizemos a vigilância da área antes da operação. (...) Nós fizemos a fita do tempo da operação, verificámos o estado da zona do objetivo, com reconhecimentos e vigilância e a operação foi comandada por nós. ”
3	“ Atuamos em Unidade escalão Batalhão, que envolveu muitos meios, porque era uma cidade e tínhamos três alvos afastados uns dos outros. Tínhamos uma reserva, para o caso de correr alguma coisa mal, reforçar alguma equipa e que tinha também capacidade de evacuar a equipa de busca pertencente à EULEX e à Força de Segurança local. (...) O resto era o normal, as equipas de cerco que isolavam a área, onde tivemos uma que fazia o cerco exterior de todos os objetivos e depois três equipas específicas para cada objetivo, que o isolava. Depois a equipa de busca que revistava as casas e identificava as pessoas lá presentes. ”
4	“ A Força Militar apenas tinha a equipa do módulo das operações especiais, com o intuito da vigilância das áreas do objetivo e ainda têm a valência de serem sniper. As Forças de Segurança, nas quais eu também participei no planeamento, tinham equipas especializadas como equipas de iluminação, equipas de cães para a busca de explosivos e depois tinham equipas especializadas de documentação e de busca de material informática, e ainda tinham próprias forças de proteção. ”
5	“ O mandato da força, através dos acordos estabelecidos superiormente, mas que temos que ter conscientes, e as ROE, que são as regras que nos guiam. ”
6	“ Sim treinámos em diversos exercícios, mas apenas com Forças Militares. Sem muita incidência, mas o Batalhão executava todos os procedimentos de cerco e busca. Lá efetuámos muito treino, pois uma força em reserva tem que estar preparado para tudo, mas cerco e busca lá não treinámos nem

	isoladamente nem com outras forças. ”
7	“ Normalmente o treino era integrado com as outras forças do teatro. Muito treino, a sua maioria, orientado para o controlo de tumultos. ”
8	“ Sabendo desempenhar e o pessoal estar rotinado com todas as missões táticas e preparados para o combate, o pessoal faz manutenção de paz, imposição de paz e todas as tarefas que se pedirem. O contrário já não é verdade. (...) Não se deve treinar manutenção de paz porque não se está preparado para combater. Em termos da operação o que é crítico são as coordenações entre as diferentes forças, porque as tarefas das diversas forças são diferentes, mas toda a gente tem que saber do posicionamento das forças amigas para evitar o <i>friendly fire</i> . ”

Apêndice K – Resumo da Entrevista 9

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	“ O Grupo de Auto Metralhadoras (GAM)/KFOR executou apenas uma Operação de Cerco e Busca. Esta integrou elementos da EULEX que acompanhavam elementos da KP. ”
2	“ Não te consigo dar uma resposta que não seja fazer referência a conceitos teóricos, porque na prática apenas estamos a executar a parte dos cercos. ”
3	“ A organização para esta operação foi então as equipas de cerco exterior e cerco interior, que nós executámos, depois também constituíamos uma reserva e o comando era nosso. A equipa de busca que revistava o objetivo é que não era da nossa força. ”
4	“ Equipas que integravam a nossa orgânica era o módulo de operações especiais com seis elementos. ”
5	“ Independentemente da tipologia há sempre implicações legais que decorrem das ROE e mesmo da legislação nacional (pelo menos estas). ”
6	“ Durante o aprontamento houve essa preocupação, sem se constituir como uma prioridade mas apenas mais uma tarefa/tipo de operação passível de ser desenvolvida pela força. (...) Chegados ao TO, rapidamente, nos deparámos com uma situação que apontava para o emprego operacional da força mais orientado para o CRC que para Operações de Cerco e Busca e, essa sim, passou a ser a prioridade da atividade de treino. ”
7	“ Não realizámos. Contudo penso que, por experiência própria, e pela dificuldade de conseguir garantir o segredo das operações naquele TO, diria que o treino conjunto seria difícil de realizar se quíssemos manter o segredo. ”
8	“ Sem dúvida as coordenações a fazer entre forças combinadas, mas também mesmo entre as diferentes equipas que se constituem. Tem que ser uma operação faseada e por isso tem uma sequência que requer muitas coordenações. (...) ”

Apêndice L – Resumo da Entrevista 10

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	“ Efetuámos poucas Operações de Cerco e Busca e apenas interagimos com a EULEX e com a KP neste tipo de operações. Mas agora quem começa a executar estas operações é a EULEX isoladamente ou com a KP em alguns casos. ”
2	“ As Forças Militares, neste caso da KFOR faziam o isolamento da área, ou seja os cercos ao objetivo (o anel). (...) Neste isolamento fazíamos <i>vehicles check points</i> nos itinerários. ”
3	“ A organização é então o anel ou cerco exterior, depois o interior, uma reserva para dar flexibilidade se houver um escalar da violência e os elementos da busca. Onde normalmente os elementos da busca são elementos da EULEX ou da KP. ”
4	“ Apenas o módulo de operações especiais e os intérpretes. ”
5	“ ROE e o mandato para a força. ”
6	“ Treino deste tipo de operações executámos diversos no aprontamento onde foi criada uma força de cenário e até simulámos que estavam integrados elementos da EULEX e da KP. (...) Já no teatro com Forças da EULEX. Não treinámos com a KP apesar de depois esta Força de Segurança ter operado connosco. ”
7	“ A EULEX tinha os treinos deles certamente, nós executámos os nossos no aprontamento e depois lá executámos um exercício de cerco e busca com as Forças da EULEX. ”
8	“ Coordenações muito estreitas, identificar muito bem a área do objetivo, e não esquecer nenhum pormenor no planeamento. O planeamento tem que ser rigoroso, em parceria e ligação com todas as forças envolvidas. (...) Os reconhecimentos devem ser feitos, sem denunciar que vamos desenvolver ali uma operação. ”

Apêndice M – Resumo da Entrevista 11

Nº da Questão	Resposta do Entrevistado
1	
2	
3	
4	
5	
6	“ Sim, estamos a treinar a tarefa de cerco e busca, como já verificou, todas as suas várias tarefas críticas, como o combate em ambiente urbano e a revista a habitações. ”
7	
8	“ Tudo é importante. E se um militar estiver proficiente na sua técnica individual e preparado para todo o espectro de operações principalmente para o convencional, vai executar prontamente qualquer tarefa que lhe seja dada. ”

Anexos

Anexo A – ROE da KFOR no TO do Kosovo

<u>Kosovo-KFOR ROE Soldier's Card</u>	
<u>SOLDIER'S CARD</u>	
To be carried at all times	
<u>MISSION.</u> Your mission is to assist in the implementation of and to help ensure compliance with a Military Technical Agreement (MTA) in Kosovo.	
<u>SELF-DEFENCE.</u>	
a.	You have the right to use necessary and proportional force in self-defence.
b.	Use only the minimum force necessary to defend yourself.
<u>GENERAL RULES.</u>	
a.	Use the minimum force necessary to accomplish your mission.
b.	Hostile forces/belligerents who want to surrender will not be harmed. Disarm them and turn them over to your superiors.
c.	Treat everyone, including civilians and detained hostile forces/belligerents, humanely.
d.	Collect and care for the wounded, whether friend or foe.
e.	Respect private property. Do not steal. Do not take "war trophies".
f.	Prevent and report all suspected violations of the Law of Armed Conflict to superiors.
<u>CHALLENGING AND WARNING SHOTS.</u>	
a.	If the situation permits, issue a challenge: In English: "NATO! STOP OR I WILL FIRE!" or in Serbo-Croat: "NATO! STANI ILI PUCAM!" (Pronounced as: NATO! STANI ILI PUTSAM!) or in Albanian: "NATO! NDAL OSE UNE DO TE QELLOJ" (Pronounced as: NATO! N'DAL OSE UNE DO TE CHILLOY)
b.	If the person fails to halt, you may be authorized by the on-scene commander or by standing orders to fire a warning shot.

Figura 3 – Cartão de um Militar da KFOR com as principais ROE

Fonte: (KFOR, 2009)

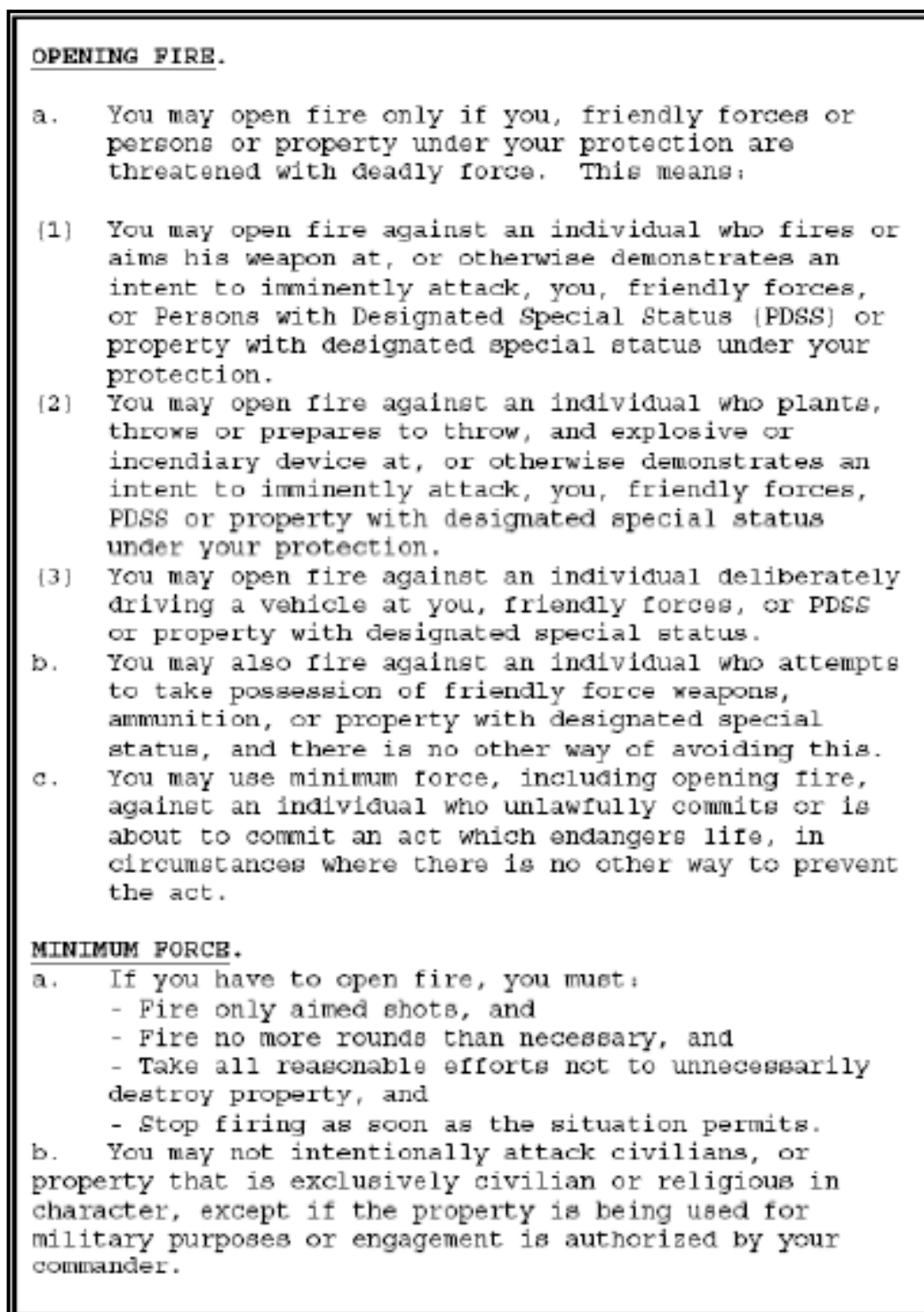


Figura 4 – Cartão de um militar da KFOR com as principais ROE

Fonte: (KFOR, 2009)

Kosovo-MEU Supplemental Card

This card is to be used in conjunction with the Blue KFOR cards.

1. Use of Force

- *Minimum Force (up to and including deadly force) and Escalation of force rules apply:
- *in defense of unit, persons or property with designated special status
 - Examples: Persons - UN or Red Cross personnel
 - Property - weapons, ammo, classifieds
- *against anyone interfering with the discharge of your duties
- *against anyone threatening or committing a serious criminal act
- *defend against intrusion into military restricted areas
- *prevent the escape of a detained person

2. Other Measures

a. Detention

- *You may only detain belligerents (armed individuals) who attempt to enter controlled areas
- *You may detain civilians who: commit crimes, interfere with your mission, or attempt to enter controlled areas
 - Serious crimes include: anything causing death or serious bodily harm (murder, rape, assault)

b. Search and Seizure

You may search: Persons
Property
Vehicles

- *in the execution of your duties enforcing the peace agreement
- *when you detain individuals
- *on suspicion of the presence of weapons or other military equipment

ROE are sensitive material. Do NOT lose this card. Return card through chain of command to SJA on completion of the mission.

Figura 5 – Cartão de um Militar da KFOR com as principais ROE

Fonte: (KFOR, 2009)

Anexo B – Material a transportar numa Operação de Cerco e Busca

Mochilete 01 – Cmdt de Secção

Mochilete Nº1
* 01 Mochilete
* 01 Bloco apontamentos + caneta
* 01 Lanterna Maglight
* 02 Sacos Ziplock
* 02 Pares luvas latex
* Fita balizadora

Mochilete 02 – Adjunto

Mochilete Nº2
* 01 Mochilete
* 02 Pares luvas latex
* 01 Bloco apontamentos A4 quadriculado + caneta
* Fita balizadora
* 01 Lanterna

Mochilete 03 – Equipas de busca

Mochilete Nº3
* 01 Mochilete
* Fita balizadora
* 10 Braçadeiras plástico
* 06 Algemas de fio WD-1/TT
* 01 Lanterna Maglight
* 02 Conjuntos de 3m fio
* 01 Maquina fotografica
* 10 Sacos plásticos transparentes (vários tamanhos)
* Etiquetas material capturado
* 06 Sacos Ziplock
* 01 Rolo fita cola
* 03 Pares luvas latex
* 01 Conjunto paus giz
* 01 Marcador tinta permanente
* 01 Detector metais (se necessário)

Fonte: NEP 1ª Companhia de Comandos

Anexo C – Análise do Ambiente Operacional



Figura 6 – Localização geográfica do Kosovo

Fonte: O Mecanizado



Figura 7 – Regiões do Kosovo

Fonte: O Mecanizado

Situação Política

Apesar da declaração unilateral de independência de 17 de Fevereiro de 2008, e do reconhecimento de vários países, oficialmente, o Kosovo mantém o mesmo estatuto do antecedente, ou seja, o de província sérvia sob administração das Nações Unidas.

Entidades mais importantes da governação do Kosovo:

- Presidente – Jakup Krasniqi
- Primeiro-Ministro – Hashim Thaçi
- Representante especial do Sec. Geral da ONU – Lambert Zannier

A coligação PDK (Partido democrático do Kosovo – 34 lugares) + AKR (Nova Aliança no Kosovo - oito lugares) + Partidos Minoritários, foi a proposta do Primeiro-Ministro, para resolver a questão da maioria absoluta, para poder governar e não ter que ir novamente a eleições.

Como principais partidos Políticos, apresentam-se o PDK, (LDK) Liga Democrática do Kosovo, (W) Movimento Auto-Determinação, (AAK) Aliança para o futuro do Kosovo e (AKR) Nova Aliança do Kosovo.

A Assembleia do Kosovo é composta por 120 elementos eleitos por voto secreto, em que 100 lugares são eleitos em proporção dos votos válidos e 20 lugares são distribuídos proporcionalmente pelos partidos das comunidades não Albanesas: sérvios (10); Roma, Ashkali, Egípcios, Bósnios, Turcos e Gorano (10). A legislatura tem a duração de quatro anos. Nas últimas eleições para a Assembleia, o PDK conseguiu 34 lugares, o LDK (27), W (14), AKR (8), AAK (12) e cinco lugares para outros.

Situação Militar

Faremos uma análise sucinta da situação das Forças Armadas e Forças de Segurança que atualmente estão no TO do Kosovo, analisando as Forças Locais e as Forças Externas. O Kosovo não tem FA (Forças Armadas) constituídas.

Forças Locais

Em 6 de Setembro de 1999, a missão da *Organization for Security and Co-operation in Europe* (OSCE) no Kosovo, em conformidade com a resolução 1244 da Organização das Nações Unidas (ONU), executou o estabelecimento da *Police School* e começou a recrutar

e a treinar candidatos a membros da KPS. Posteriormente, esta recebeu a denominação de KP. A KP tem como Director Geral *Reshat Maligi* e está estruturada com sete departamentos: Serviços Administrativos, Serviços de Apoio, Treino, Paz e Ordem Pública, Unidades Especiais, Crime e Polícia de Fronteira.

A Kosovo Security Force é uma Força de Segurança Multiétnica, que tem como principais missões: realização de operações de resposta a crises no Kosovo, bem como no exterior do país; realização de operações no âmbito da proteção civil: busca e salvamento, neutralização de materiais explosivos, controlo e eliminação de materiais perigosos e combate a incêndios e outras tarefas de assistência Humanitária.

O Kosovo tem, também, uma Agência de Informações do Kosovo.

Forças Externas

A KFOR tem o seu comando em Pristina e é constituído por seis Forças multinacionais, dispostas no TO do Kosovo. A KFOR é a única Unidade proveniente de Forças Armadas, visto que o Kosovo não tem Exército. A KFOR tem quatro zonas de responsabilidade, respetivamente a Norte, Sul, Este e Oeste. Com o Comando da KFOR, encontra-se a sua reserva, constituída por um Batalhão Português desde 2005 e que, atualmente, tem integrado uma Companhia Húngara. Também, com o comando da KFOR, encontra-se a MSU, uma força Militarizada de polícia multinacional, atualmente constituída por um regimento de Carabinieri, proveniente da Itália.

A EULEX tem também uma componente policial que apoia a KP, e é constituída por 1400 polícias internacionais, que apoiam a KP ao nível de aconselhamento e treino. Apenas numa situação de extrema necessidade, em que a KP não consiga conter a violência, ou por solicitação, é que esta intervém, utilizando a força.

Situação Económica

De acordo com os dados de 2010, a taxa de crescimento económico é de 2,8%, a taxa de desemprego está entre os 45% e os 50%, o rendimento per capita mensal é de 125 euros e a taxa de inflação na ordem dos 4%. Contribuem para o PIB (Produto Interno bruto) os seguintes sectores, por ordem de relevância: os serviços 65%, Indústria 22%, Agricultura 13%. Há progressos significativos na transição para uma economia de mercado, assim como uma grande dependência da comunidade internacional e da diáspora para a

assistência técnica e financeira. O Kosovo revela remessas da diáspora, localizadas, principalmente, na Alemanha e na Suíça, que representam cerca de 30% do PIB.

A maioria da população vive em cidades rurais, fora da capital.

Os cidadãos do Kosovo são os mais pobres da Europa: 35% vive abaixo da linha de pobreza e 15% vive numa pobreza extrema. O desemprego afeta mais de 45% da população e é um incentivo à emigração.

O crescimento económico é, em grande parte impulsionado pelo sector privado principalmente pequenos retalhistas.

Com a ajuda internacional, o Kosovo foi capaz de privatizar 50% das suas empresas estatais e mais de 90% do seu capital.

A agricultura é ineficiente, devido à falta de conhecimentos técnicos, pouca utilização de mecanização, sendo esta apenas de subsistência.

A Indústria encontra-se muito pouco desenvolvida, fruto da guerra, apresentando problemas técnicos e financeiros e equipamento muito envelhecido.

O Kosovo tem como principais parceiros económicos os países da União Europeia, apresentando receitas na ordem dos 25,1 milhões de euros, nas exportações, e um gasto de 191,4 milhões nas importações, representando um défice de 166,3 milhões de euros.

Situação Social

A maior parte da população vive na pobreza, devido aos baixos salários e à grande percentagem de desemprego. Por isso, grande parte da população associa-se ao crime organizado, mais especificamente ao tráfico humano e de órgãos, proporcionando um meio mais rápido de subsistência.

Mantém-se as tensões entre kosovares albaneses e sérvios, devido ao funcionamento das estruturas paralelas administrativas sérvias, principalmente a Norte de Mitrovica.

Como principais grupos étnicos, temos os Kosovares Albaneses (KOA), 88% da população do Kosovo; (KOS) Kosovares Sérvios (KOS), 7% da população; os restantes 5 % são constituídos por etnias variadas, como os Turcos, Bósnios, Goranis, Roma, Ashkali, Croatas e Egípcios.

Os KOA encontram-se distribuídos por todo o território, enquanto os KOS encontram-se a Sul, no município de *Strpce* e maioritariamente a Norte de Mitrovica, nos municípios que fazem fronteira com a Sérvia. Há dois anos que não há registo de incidentes entre as minorias a Sul, enquanto a Norte são registados diariamente.

Como idiomas oficiais, existem o Albanês, como idioma principal, e, como secundário, o Sérvio (regionalmente e nas províncias do interior). Mediante as minorias, fala-se Turco, Bósnio, Romani e Gorani.

Relativamente à religião, a grande maioria do povo Albanês no Kosovo é Muçulmano e depois Católico Romano. Os Kosovares Sérvios são Ortodoxos Sérvios, encontrando-se, por todo o território Kosovar, igrejas Ortodoxas centenárias.

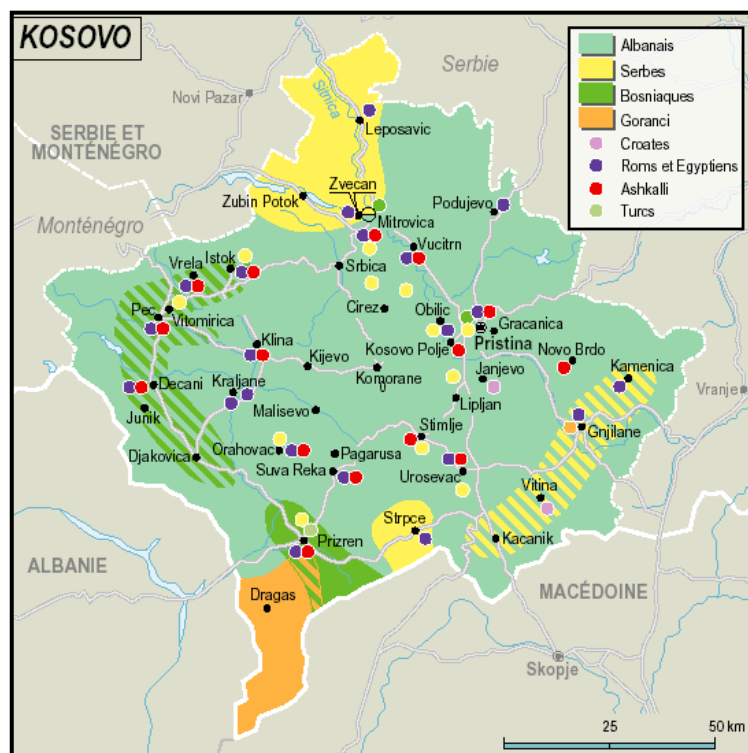


Figura 8 – Grupos étnicos do Kosovo

Fonte: O Mecanizado

Informações

A recolha de informações, para o decorrer das operações, é recolhida pelas células de informação existentes nos MNBG. No entanto, o Comando da KFOR tem, também, uma célula de informação, recolhendo toda a informação. Caso seja necessário, disponibiliza a mesma às instituições do Kosovo ou que se encontram em exercício, no âmbito da ONU.

Relativamente aos meios de comunicação, o Kosovo tem sete canais de televisão, pertencendo um destes à KFOR, bem como seis jornais de referência. Atualmente, a internet chega por via telefónica àqueles que têm mais recursos económicos, sendo que algumas infra-estruturas estatais já usufruem deste avanço tecnológico, essencialmente devido ao apoio de técnicos da KFOR, da UNMIK e da EULEX.

Infra-Estruturas

O Kosovo tem 1934 km de estradas, em que 647 km são principais e 1287 km são regionais. As principais estradas são quatro, que fazem a ligação: entre a Sérvia e a Macedónia sentido Norte – Sul (nº2); entre Pec e a Sérvia, passando lateralmente pelo Kosovo de Oeste para Este (nº9); entre a Sérvia e a Albânia sentido Norte – Sul (nº25-nº17); entre Montenegro a Noroeste e Prizren, que passa longitudinalmente na parte Oeste do território Sérvio (nº17). Atualmente, está em fase de construção uma auto-estrada que vai ligar a Sérvia à Albânia.

Como produtora de energia eléctrica, existe uma empresa estatal a K.F KEK, que apresenta algumas dificuldades financeiras, visto que há muita gente que não paga eletricidade ou desvia eletricidade. Isto, deve-se à elevada fatura de eletricidade.

A rede ferroviária apresenta infra-estruturas em más condições. Tem um comprimento total de linha férrea de 430 km; 97 km destes são utilizados, exclusivamente, para transporte de mercadorias. As principais linhas são quatro: uma que vem de Norte, de Belgrado e passa por Pristina em direção à Macedónia com 148,7 km; outra que vem de Este de Podujevo até Pristina com 45,2 km; de Oeste outra com 81,3 km que vem de Pec até Pristina; por último uma linha férrea que liga Klinja a Prizren de 58,4 km no sentido Norte-Sul.

Relativamente a Aeroportos, existem quatro pistas pavimentadas, quatro não pavimentadas e dois heliportos, sendo a instalação aeroportuária, a sul de Pristina, a mais significativa, com uma pista de 2500 metros. O Tráfego aéreo é controlado pela KFOR.

A nível de Hospitais, existe um por cada região.

Ambiente Físico

O Kosovo apresenta uma Bacia Fluvial, com elevação entre 400 e 700 metros, rodeada por cadeias montanhosas com 2000 a 2500 metros. As rochas mais predominantes apresentam uma composição: cristalina sedimentar, calcárias e vulcânicas.

Como recursos naturais mais significativos: Níquel, Chumbo, Zinco, Magnésio, Lenhite, Caulino, Crómio e Bauxite. O território é, todo ele, cercado por montanhas e, ao centro, encontram-se os montes centrais.

Relativamente aos rios, os principais são: o rio Ibar, rio Drina Branco e Lepenak, sendo que o Drina Branco, relativamente à traficabilidade, permite a passagem de embarcações de pequeno porte.

As principais bacias hidrográficas são: Dina branco com 400 km², Ibar com 4700 km², Binacka Morava com 1600 km² e Lepenac com 800 km².

Principais lagos a Norte, Gazivoda na região de Motrovica, A Oeste Radonjic em Dakovica e a Este Batlava e Gracanka em Pristina.

Quanto ao clima, os verões e outonos são quentes e secos. Verifica-se a precipitação máxima entre outubro e dezembro, assim como quedas de neve frequente entre dezembro e março.

Tempo

A KFOR encontra-se no TO do Kosovo desde 1999, sendo que as unidades portuguesas também têm participado em missões desde 1999. A duração das missões das unidades portuguesas no Kosovo é de, aproximadamente, seis meses.

Em 2007, estavam no TO do Kosovo aproximadamente 15.000 militares na KFOR. Em 2010 o número foi reduzido para 10.000. Em janeiro de 2011, esse número era de 8.206 militares, tendo como objetivo a redução para os 5.500 militares, no decorrer de 2011. A partir do corrente ano, pretende-se reduzir o número de militares abaixo dos 2.500.

As FND têm cerca de seis meses para se aprontarem para a missão e efetuam a missão, também, no mesmo período de tempo. Poderão ocorrer divergências no tempo, consoante a força já tenha preparação, fruto de outro treino de aperfeiçoamento

operacional, como é o caso das NRF. Como já são Unidades constituídas carecem de menos tempo de preparação, de uma forma geral passa para metade, cerca de três meses.